



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

GEORGE TENÓRIO PINTO

**TERRA DAS COSTUREIRAS: DESCOSTURANDO E COSTURANDO
INDEPENDÊNCIAS DAS MULHERES COSTUREIRAS DE SANTA CRUZ DO
CAPIBARIBE**

**CAMPINA GRANDE
2022**

GEORGE TENÓRIO PINTO

**TERRA DAS COSTUREIRAS: DESCOSTURANDO E COSTURANDO
INDEPENDÊNCIAS DAS MULHERES COSTUREIRAS DE SANTA CRUZ DO
CAPIBARIBE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para à obtenção do título de graduado em História.

Orientador: Prof.^a Ma. Sabrina Rafael Bezerra

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P659d Pinto, George Tenorio.
Terra das costureiras [manuscrito] : descosturando e costurando independências das mulheres costureiras de Santa Cruz do Capibaribe / George Tenorio Pinto. - 2022.
60 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Ma. Sabrina Rafael Bezerra, Departamento de História e Geografia - CEDUC. "
1. Mulher. 2. Emancipação feminina. 3. Trabalho. 4. Costureira. I. Título

21. ed. CDD 305.4

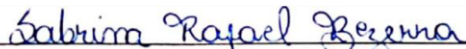
GEORGE TENÓRIO PINTO

TERRA DAS COSTUREIRAS. DESCOSTURANDO E COSTURANDO
INDEPENDÊNCIAS DAS MULHERES COSTUREIRAS DE SANTA CRUZ DO
CAPIBARIBE.

Trabalho de Conclusão de curso em
forma de monografia, apresentado ao
curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial á obtenção do título de
Licenciado em História.

Aprovada em: 29/11/2022.

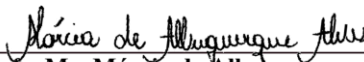
BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Sabrina Rafael Bezerra
Orientadora (UEPB)



Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro
Examinadora Interna (UEPB)



Profa. Me. Márcia de Albuquerque Alves
Examinadora Externa (UNIESP)

RESUMO

Essa pesquisa se propõe a analisar as dificuldades encontradas pelas costureiras de Santa Cruz do Capibaribe em se identificar como sujeitas atuantes para além da condição de trabalhadora em tempo intermitente e aprisionadas ao lar, com sua independência velada, dada as condições que ainda se encontram no cotidiano da cidade, com suas rotinas de trabalho com horários desregulados, trabalhando em condições irregulares e insalubres, a baixo custo. Formulando o problema a partir da ideia do porque as costureiras ficaram presas em um personagem retido ao lar, como sua ascensão econômica não possibilitou a saída desse papel empregatício. O objetivo geral desta pesquisa, se empenha em examinar e compreender as dificuldades das costureiras em sua realidade, em uma perspectiva que se empenha em examinar como as mulheres costureiras, em sua grande maioria de uma classe social baixa, ficaram presas ao lar, como cuidadoras, e zeladoras do mesmo, além do seu status de costureiras em tempo indeterminado. Desse modo, perpassando pela perspectiva desde a pujança comercial do município, até as dificuldades da mulher frente a esse cenário de costureira e dona de casa em tempo integral. Foram utilizadas pesquisas bibliográficas e estudos de casos no ano de 2022, pontuando desde referências teóricas, utilizaram-se produções de mulheres que escreveram sobre o processo de criação dessa figura, da nova mulher, como descreve a Margareth Rago (1998), Michelle Perrot (2007), também pontuando a arquitetura dos gêneros até a construção desse novo imaginário da mulher, mediando suas vontades, desejos, roupagem, lugares, a diferenciação entre as mulheres e suas classes, como auxílio do estudo de caso foi desenvolvido através de questionários on-line, e pesquisa de campo, envolvendo costureiras e a população em geral do município e dirigentes de iniciativas de coletivos de costureiras, tendo como resultado a condição em que se encontra a mulher santa-cruzeense em seu cotidiano de trabalho e qual perspectiva de futuro para o campo das mesmas.

Palavras-Chave: Confecção; Dona do lar; Mulheres costureiras; Emancipação feminina.

ABSTRACT

The present work begins with the intention of presenting reflections on the social and cultural conditions linked to the work of women seamstresses and entrepreneurs in the municipality of Santa Cruz do Capibaribe, in Pernambuco, in the scenario that permeates 2020 to year 2022. The construction of the role of women inside and outside the home in the national context, which encourages the analysis of the condition of women in Santa Cruz, thus questioning whether the emancipatory process of women has been implemented or is being taken in small steps. Within this perspective, the research proposes to analyze the difficulties encountered by the seamstresses of Santa Cruz do Capibaribe in identifying themselves as active subjects beyond the condition of intermittent worker and imprisoned at home, with their veiled independence, given the conditions that still find themselves in the everyday life of the city, with their work routines with irregular hours, working in irregular and unhealthy conditions, at low cost. Formulating the problem from the idea of why the seamstresses were trapped in a character held back at home, how their economic rise did not allow them to leave this employment role. The general objective of this research endeavors to examine and understand the difficulties of seamstresses in their reality, in a perspective that endeavors to examine how women seamstresses, the vast majority of whom come from a low social class, were trapped in a character held back by the home, caretaker, and caretaker of it, in addition to their status as seamstresses indefinitely. Thus, going through the perspective from the commercial strength of the municipality, to the difficulties of women facing this scenario of seamstress and full-time housewife. As a methodology, bibliographic research and case studies were used, ranging from theoretical references, productions of women who wrote about the process of creating this figure, the new woman, as described by Margareth Rago (1998), Michelle Perrot (2007), also punctuating the architecture of genders to the construction of this new imaginary of women, mediating their wills, desires, clothing, places, the differentiation between women and their classes, as an aid to the case study it was developed through online questionnaires, and field research, involving seamstresses and the general population of the municipality and leaders of seamstress collective initiatives, resulting in the condition in which women from Santa Cruz find themselves in their daily work and what prospects for the future for the field the same.

Keywords: Clothing. Housewife. Women seamstresses. Female emancipation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Coronel Luiz Alves	15
Figura 2: Caminhão carregado de derivados de tecidos	16
Figura 3: Feira livre de sulanca em Santa Cruz	17
Figura 4: Gráfico regionalidade.....	18
Figura 5: Gráfico sobre migração	19
Figura 6: Gráfico origem dos envolvidos	20
Figura 7: Gráfico empreendimentos complementares	21
Figura 8: Moda Center Santa Cruz	22
Figura 9: Fronteiras empreendedoras com Santa Cruz.....	23
Figura 10: Empreendedores no Moda Center	24
Figura 11: Produções escoadas por município	24
Figura 12: Vereadores eleitos	37
Figura 13: Costureiras e vendedoras na Feira de Sulanca	40
Figura 14: Costureiras em fabrico	41
Figura 15: Máquina Reta Singer.....	43
Figura 16: Quantidade de costureiras por casa.....	52
Figura 17: Horas trabalhadas por dia.....	53
Figura 18: Prosperidade Santa-cruzense.....	53
Figura 19: Rendimento escolar 2010.....	54
Figura 20: Rendimento escolar 2021	54
Figura 21: Escolaridade das costureiras mais antigas	55
Figura 22: Escolaridade das costureiras mais novas	56
Figura 23: Valorização das costureiras.....	56
Figura 24: Mulheres no Moda Center	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DA SULANCA A ELEGÂNCIA.....	14
3	UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O GÊNERO NA HISTÓRIA....	26
4	AS MULHERES E A FEIRA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS...	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

A escolha da temática referente à condição da mulher em sua independência velada, foi uma escolha feita com base na minha própria experiência de vida, enquanto, neto, filho, sobrinho e irmão de mulheres costureiras que não tiveram emancipação totalmente constituída, vivenciando cotidianamente esse cenário e se atentando sempre as reclamações e observações diárias das mulheres presentes nesses processos, busquei entender as causas, problemáticas e dilemas que se perpetuaram até os dias atuais (2022), presenciando tais indagações de costureiras desde a infância, permitiu observar que a figura feminina se torna refém do modelo econômico-social, que possibilita projetar no imaginário da mesma como dona de si, mas simultaneamente, obrigada, silenciosamente, a encaixar-se no papel de detentora dos deveres do lar e das benfeitorias que o envolvem. A investigação das condições em que foram submetidas as mulheres, gera questionamentos acerca da cultura social do lugar da costureira, perpetuado desde o início da Sulanca em Santa Cruz até ao ano de 2022, ressaltando assim o conhecimento histórico envolto dessa realidade.

Tendo em vista, assim uma necessidade de produzir saberes acerca das costureiras e suas circunstâncias, a função social da história e sua utilização na vida prática dessas personagens, em sua grande maioria, pobres que se sustentam através do trabalho árduo, acarretando assim indagações, como o porquê da mulher ser submetida a esse estado, quais as iniciativas que questionam a situação da mulher, quais os níveis de escolaridade e atuação em ambientes educacionais que reflitam sobre a ascensão da mulher costureira e outras perspectivas que conduzem a pensar a conjuntura vivenciada diariamente por essas mulheres, gerando assim um olhar às condições deficitárias das costureiras santa-cruzenses.

Ao pensarmos a história das mulheres é preciso criarmos problematizações sobre: lugares, espaços e identidades, como nos ensina Margareth Rago (1998, p. 93) sobre a construção do diálogo entre os gêneros, e da abertura para contestações de realidades:

Ao mesmo tempo, parece-me um grande avanço podermos abrir novos espaços emergência de temas não pensados, de campos não problematizados, de novas formas de construção das relações sociais não imaginadas pelo universo masculino. Sem incorrer na ilusão de que as mulheres vêm libertar o mundo, acredito que a pluralização possibilitada pela negociação entre os gêneros é fundamental não só para a construção de um novo pacto ético, mas para a própria construção de um ser humano menos fragmentado.¹

¹ RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. In: Cadernos Pagu. n. 11, 1998, pp. 93.

Essa reflexão nos auxilia a pensar na construção de um debate crítico sobre as costureiras de Santa Cruz do Capibaribe, pensando nas fortes mulheres que tornaram essa prática o signo do Município e as que hoje iniciam desde cedo essa profissão e ainda jovens abandonam os estudos para se dedicar a essa indústria exploratória.

O retrato da mulher, fixado a máquina de costura, não se alterou em sua essência ao longo dos anos, aquela que almoça, janta, conversa, “zapeia” ao celular em seu cotidiano, mesmo que se altere o cenário no decorrer dos anos, não houvera mudanças significativas, na prática. Sendo assim, se visa pontuar quais foram os elementos de resistência e superação das conjunturas impostas socialmente a elas. Para isso, o fomento ao olhar crítico acerca das conjunturas em que estavam inseridas, foi necessário, tendo em vista as circunstâncias em que se integravam as costureiras, e como sua autonomia foi regradada na sociedade santa-cruzense, de modo que estava cerceada de sua liberdade, ao passo que se concentrava aos afazeres e responsabilidades domésticas, tendo como uma obrigação social os encargos do lar impostos à mesma, observando assim como a mulher não se tornara independente em sua totalidade.

Assim foram escolhidas obras que se dedicassem a apresentar as diversas faces da trajetória de mulheres e o seu trabalho, por serem aspectos que estão nos espaços cotidianos, mais próximos aos envolvidos. Tornou-se necessário analisar os contextos passados das mulheres pobres e de classes mais altas, ocupando postos de trabalho, espaços, discussões e debates anteriores, para que assim pudéssemos correlacionar com a rotina do município.

Dentre as diversas fontes históricas sejam elas, escritas, visuais ou orais, que podem ser levadas não somente à academia, mas para toda a sociedade a qual falamos, buscamos caminhos que incentivem, e tornem acessível à possibilidade de questionar as condições em que vivem, a partir da perspectiva apresentada, e discutir a sociedade que fazem parte, “da costureira ao patrão”, por isso a escolha de aspectos que dialogam com temas como exclusão social, pobreza, trabalho, a mulher na sociedade brasileira, a mulher no contexto industrial, a mulher rica e pobre frente aos afazeres e experiência ao trabalho fora e dentro de casa, como também obras que tratem acerca da construção dos aspectos femininos e masculinos fomentando a constituição da discussão de gêneros no território brasileiro.

Para auxiliar no trabalho de análise deste objeto, se utiliza um referencial teórico que abarca a obra de Margareth Rago, em especial o texto “Descobrir historicamente o gênero” (1998), o qual a autora estabelece as bases para que pudesse trazer a ótica a constituição do gênero e suas discussões, assim como a autora Louise Audino Tilly (1987). Além disso, no que diz respeito à análise da mulher ocupando esse lugar de trabalho doméstico, cuidadora do lar e suas perspectivas, utiliza-se o trabalho de Michelle Perrot (2007), em especial o texto “O

trabalho das mulheres” da obra “Minha história das mulheres” (2007), na qual a historiadora francesa traz a moldura básica para se discutir o papel da “boa dona de casa”.

Ampliando a proximidade dos temas com o cotidiano da cidade, articulou-se uma pesquisa em forma de questionário *online* através da plataforma *Google Forms*, resultados esse que serão apresentados no decorrer dos capítulos. Desse modo, fora importante para que se pudesse identificar aspectos como a escolaridade; a infância, adolescência e fase adulta vividas no campo ou em regiões semidesérticas; a migração em busca de melhores condições de vida. O saber da costura como herança geracional, passada de mãe para filha.

No primeiro capítulo se procura pontuar a ascensão comercial do município de Santa Cruz, por meio da costura, que obteve avanços significativos com o decorrer dos anos, o qual de acordo com a Associação Brasileira do Vestuário (Abravest), em 2020, existiam 1,3 milhões de profissionais da costura no Brasil, dos quais 87% são mulheres², dominando, portanto, com folga essa parcela. No município de Santa Cruz não foi diferente, desde a sua gênese formada, a costura foi uma carreira dedicada e definida para as mulheres, onde aos homens não cabiam porque ficariam mal vistos na sociedade ainda muito preconceituosa, ficando para os homens o lugar de apenas negociar o que era produzido e confeccionado pelas mulheres.

Os municípios pernambucanos de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama sediam os principais polos de confecção, sendo responsáveis por 16% da produção nacional e empregando cerca de 11 mil pessoas, segundo o Governo de Pernambuco³, propiciado pelo alto grau de autônomos e terceirizados nos fabricos⁴ e facções⁵ em suas próprias residências, que sequer propiciam de um registro, fator esse sendo vivenciado cotidianamente na maioria das casas, onde há de ter uma ou mais costureiras que produzem para uma marca negociar nos polos do Agreste Pernambucano, para os diversos estados do país. Com isso, os dados apurados pelo SEBRAE – PE nos mostram um pouco do arranque que houvera no Agreste pernambucano, dos anos 2000 a 2009. O Produto Interno Bruto

² Costureiras do polo têxtil de Pernambuco se unem por condições dignas de trabalho. Brasil de fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2022/01/04/costureiras-do-polo-textil-de-pernambuco-se-unem-por-condicoes-dignas-de-trabalho> Acesso em: 19/06/2022

³ Ibid., Brasil de Fato, 2022

⁴ Fabricos são concentrações produtivas informais que funcionam nas próprias casas ou em uma extensão da mesma, como na garagem, quintal, ou cômodo feito especificamente para funcionamento do mesmo. O trabalho tem base familiar e as contratações são realizadas informalmente através das relações de parentesco ou amizades.

⁵ Facções são concentrações produtivas que funcionam no espaço doméstico, onde o trabalho é desempenhado em prol do aumento no processo de produção das confecções, possibilitando assim uma descentralização das responsabilidades do dono da empresa, que terceiriza para essas facções, ficando a cargo do dono da unidade produtiva a regularização ou não dos seus funcionários.

dessas regiões em conjunto, se expandiu 56%, o qual cresceu uma vez e mais que a economia do Brasil, uma vez e dois décimos mais rapidamente que a do Nordeste e uma vez e três décimos mais rapidamente que a de Pernambuco⁶, estando aliada a condição demográfica que fomentaria a pujança comercial. Em termos demográficos, esses distritos, ainda segundo o SEBRAE no Estudo Econômico sobre as Confecções do Agreste em 2013, cresceram 2,4 vezes mais rapidamente do que o Nordeste e do que Pernambuco, evidenciando um desempenho econômico positivo das demais⁷.

A realidade costumeira das mulheres da cidade, apossadas dos seus maquinários, em um ritmo acelerado, costurando diversas modelagens, desde os anos sessenta, ainda se faz presente. Com mais tecnologia, mas o ideário da mulher fixada a máquina de costura, face às mudanças temporais, parece inalterável. Frente a essa querela, careceu explorar a importância que teve a mulher costureira, devido ao seu pouco reconhecimento na sociedade e como sobrevivia em seu cotidiano de trabalho insalubre, diante da proporção que se tomou a antiga feira do município, que hoje abarca mais de cem mil compradores por feira nas altas temporadas, segundo o G1⁸.

No segundo capítulo buscamos discorrer acerca do desenvolvimento do gênero e do papel da mulher no crescimento do município, baseando sua economia nesse modelo de negócio, acabou por fomentar condições de trabalho desde as décadas passadas, em regimes irregulares, insalubres e exploratórios, condição que muitas vezes é romantizada, caracterizando um dualismo, ao passo que garante maior autonomia financeira e sua subsistência, não assegura, infelizmente, a superação do posto em que foram alojadas, historicamente constituído, de dependência econômica em relação aos homens e exclusivamente da costura, que por meio somente da mesma, não supre a eficiência necessária para garantir a completa emancipação social das mulheres no território do agreste pernambucano.

Deste modo o caminhar econômico que possibilitou uma independência financeira da mulher, para que ela se veja como dona de si, como relata a Gilmaria Maria em entrevista ao Jornal Carta Capital,

⁶ ESTUDO ECONÔMICO DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO, 2013, Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de Pernambuco SEBRAE, Pernambuco. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Estudo%20Economico%20do%20APL%20de%20Confecoes%20do%20Agreste%20-%202007%20de%20MAIO%202013%20%20docx.pdf>

⁷ Ibidem, p. 19

⁸ Mais de 100 mil pessoas foram ao Moda Center. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2022/06/06/mais-de-100-mil-pessoas-foram-ao-moda-center-no-fim-de-semana-em-santa-cruz-do-capibaribe-estima-organizacao.ghtml> Acesso em:

Desejo que nós, costureiras, possamos ser mais vistas, ter mais direitos. Falando da minha região, nós temos o maquinário e trabalhamos em casa. Então, tudo por nossa conta energia, equipamentos. Não temos férias, décimo terceiro, ou algum direito trabalhista.⁹

No terceiro e subsequentes capítulos buscou-se enxergar como as mulheres se enxergavam no processo de independência financeira, social e cultural, observando quais foram as problemáticas nas conjunturas dessa atmosfera, como o trabalho de teor irregular e terceirizado em Santa Cruz do Capibaribe.

Com isso se visa avaliar como as mulheres enxergaram-se no passado e quais foram suas armas de defesa, considerando como percebem tal revolução, seja de salário, sindicatos, por lutas individuais, em postos de atuação no mercado e no campo político, fazendo observar como a mulher dos cenários industriais estrangeiros, se permeiam na gênese da mulher de Santa Cruz.

Nesse imagético de mulher que migra do trabalho do campo para os fabricos, como nova forma de levar a vida com a esperança de uma oportunidade fora da roça, de condições análogas à pobreza extrema, a costura surge como um ator que salvaria as mulheres desse trabalho pesado do campo e traria uma nova alternativa para sua situação empregatícia. Tendo assim relatos como a Katia Mesel em seu documentário explicita bem tal realidade, dessa forma o surgimento da costura torna-se além de tudo fonte de sobrevivência e Santa Cruz o solo que possibilita essa incursão.

Trabalho e determinação realmente podem modificar um povo e justamente essa melhoria de qualidade de vida que foi gerada pela competência das mulheres de Santa Cruz Capibaribe, as sulanqueiras.¹⁰

Com personalidades que procederam de sua infância até sua velhice, dedicadas à costura, que se orgulham de tal carreira, mas entendem a problemática de ficar enclausuradas nesse papel do modelo ideal de mulher dona de casa e mãe, e ainda que sustenta os filhos junto a casa, com os signos de comportamento e etiqueta, presente no cotidiano do município, assim como no trabalho da Margareth Rago¹¹, “do cabaré ao lar”. Já o homem ligou-se a tenacidade, ao poder, à liberdade, autoridade para negociação, sendo assim uma espécie de

⁹ O que as costureiras têm a dizer no Dia da Costureira. Carta Capital, 2021. Disponível <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/o-que-as-costureiras-tem-a-dizer-no-dia-da-costureira>
Acesso em:

¹⁰ MESEL, Katia. SULANCA - A Revolução Econômica das Mulheres de Santa Cruz do Capibaribe - documentário - 1986

¹¹ RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

detentor da razão responsável pelo capital, o trabalho busca de certa forma analisar tal paradigma recorrente na cidade de Santa Cruz do Capibaribe.

É importante que possamos perceber a construção das diferenças sexuais histórica e culturalmente determinada, desnaturalizando, portanto, as representações cristalizadas no imaginário social. E isto não só na leitura do passado, mas na própria construção de formas mais libertárias de convivência no presente.¹²

Portanto, esse trabalho tem a pretensão de analisar o contexto da independência da mulher como uma prática que não fora de fato estabelecida, mas que continua caminhando para seu futuro promissor de direitos, devido às condições ainda presentes no cotidiano, da mulher que batalha pelo sustento, que reparte as dívidas, mas que ainda tem a responsabilidade doméstica que fora dedicada a si, em toda essa construção. Sendo assim, partimos da posição da autora Rago (1998, p.11) para estabelecer uma desconstrução, pontuando questões tidas como naturais pela sociedade.

Para contextualizar tais questões acerca do gênero, pode-se pontuar a partir da obra de Margareth Rago, "Epistemologia Feminista"¹³, onde apresenta as principais questões epistemológicas abordadas pela teoria feminista, destacando a crítica ao modelo positivista de conhecimento e a defesa da pluralidade de saberes. Rago defende que as mulheres têm uma perspectiva particular sobre o mundo, resultado de suas experiências vividas, que devem ser valorizadas e construídas nas teorias e práticas acadêmicas, como diferentes mundo e perspectivas, como diversas faces de um único movimento.

“Afiml, como já se observou exaustivamente, a questão das relações sexuais e da mulher especificamente nasce nas lutas pela emancipação deste sujeito antes definido como “sexo frágil”. É na luta pela visibilidade da “questão feminina”, pela conquista e ampliação dos seus direitos específicos, pelo fortalecimento da identidade da mulher, que nasce um contra discurso feminista e que se constitui um campo feminista do conhecimento”¹⁴

Acerca da abordagem para com o "Gênero e História", a autora analisa como a construção social do gênero influencia a produção do conhecimento histórico. Ela argumenta que a história oficial é uma construção masculina que tem ignorado ou minimizado a importância das experiências e das lutas das mulheres ao longo do tempo. Margareth destaca a necessidade de se resgatar a história das mulheres e de suas lutas, para que possam ser compreendidas como desigualdades de gênero presentes na sociedade

¹² **RAGO**, Margareth. **Descobrimdo historicamente o gênero**. Cadernos Pagu. Campinas, n. 11, 1998.

¹³ **RAGO**, Margareth; Epistemologia feminista gênero e história. (org). **BUARQUE**, Heloísa de Hollanda. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto, p. 407–423. Rio de Janeiro Bazar do Tempo, 2019.

¹⁴ *Ibidem*, p. 413.

contemporânea, onde também discorre sobre aspectos próximos ao debate para com o município, ao analisar a relação entre cultura, identidade e gênero. Rago mostra como as normas de gênero são perpetuadas e mantidas pela cultura e como essas normas limitam as possibilidades de expressão das identidades femininas. Ela argumenta que é preciso desconstruir essas normas e respeitar a diversidade de expressão das identidades de gênero, sendo assim uma contribuição importante para a epistemologia feminista e para a história das mulheres. Sua abordagem crítica e interdisciplinar permite uma reflexão profunda sobre a construção do conhecimento e sobre as desigualdades de gênero presentes na sociedade.

2 DA SULANCA A ELEGÂNCIA

Santa Cruz do Capibaribe é um município brasileiro do estado de Pernambuco, sendo a terceira maior cidade da Agreste Pernambucano. Ficou conhecida regional e nacionalmente por sua produção e comercialização de roupas, em grande quantidade e em sua maior parte por preços baixos. Segundo a plataforma digital de sua prefeitura¹⁵, “Santa Cruz detém a maior produção de confecções de Pernambuco e possui o maior parque de vendas de confecções da América Latina em sua categoria, o Moda Center Santa Cruz”. Principal ponto de vendas de confecções de Pernambuco, com seus 320.000 m², 9624 boxes e 707 lojas nesse empreendimento e que estimula muitos outros que surgem, como *Outlet*¹⁶ Altas Horas, outro polo que vislumbra o motor veloz de produção. Sendo assim conhecida como a *Capital da Sulanca*¹⁷ ou *Capital das Confecções*, que detém um preço relativamente acessível para atacadistas que possibilita uma prática perceptível, que motiva a vinda ao município, a compra para revenda em outras localidades do país, compactuando com uma descentralização produtiva que possibilita o desdobramento das práticas de flexibilização e precarização do trabalho a partir da implementação da informalidade e terceirização.

Foi emancipada em 29 de dezembro de 1953¹⁸, não fugia, então, a regra das vizinhas do semiárido nordestino. Sua população vivia, intrinsecamente ligada ao campo, devido a sua climatização¹⁹, sempre aspirando a sequeidão do solo, que dificultava ainda mais os empreendimentos agrícolas e pecuários, fazendo com que desse modo marcava-se ainda mais a nova forma de “ganhar a vida”, através das feiras livres e seu desenvolvimento comercial, também fora impulsionado pelo estabelecimento de grandes centros comerciais de cidades vizinhas, assim propiciando as iniciativas populares para viabilizar o comércio e aparato econômico.

Quando a capacidade criativa do homem se volta para a descoberta de suas potencialidades, e ele se emprenha em enriquecer o universo que o gerou, produz-se o que chamamos desenvolvimento. Este somente se efetiva quando a acumulação conduz à criação de valores que se difundem na coletividade. A ciência do

¹⁵ <https://www.santacruzdocapibaribe.pe.gov.br>

¹⁶ Centro comercial, cujas mercadorias são comercializadas a preços mais baixos, em geral diretamente do produtor ao consumidor.

¹⁷ O termo Sulanca é utilizado para designar a produção têxtil da região do agreste pernambucano. Originalmente no Município de Santa Cruz do Capibaribe, a partir da segunda metade do século XX e atualmente englobando os municípios de Toritama, Caruaru e outros da região agreste de Pernambuco e alguns do vizinho estado da Paraíba, como Alcantil, Barra de São Miguel e Cabaceiras.

¹⁸ A lei nº 1818, sancionada em 29 de dezembro de 1953, tornou Santa Cruz do Capibaribe emancipada político-administrativamente.

¹⁹ Segundo a análise dos extremos climáticos no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE, o município apresenta clima semiárido, apesar de estar localizado na Mesorregião do Agreste de Pernambuco, onde predominam regimes climáticos subúmidos. Constatou-se, a partir da década de 1980, predomínio de anos secos.

desenvolvimento preocupa-se com dois processos de criatividade. O primeiro diz respeito à técnica, ao empenho do homem de dotar-se de instrumentos, de aumentar sua capacidade de ação. O segundo refere-se ao significado de sua atividade, aos valores com que o homem enriquece seu patrimônio existencial.²⁰

Desse modo a concretização do avanço por meio de instrumentos que fomentassem tal medida viria através de personalidades como o Coronel Luís Alves, representado na figura 01, como retratado na foto seguinte, com seu posto tradicional aos homens da época, vestimentas e arranjos aos homens com maior poder aquisitivo, que proporcionou à região os primeiros caminhões, e outros instrumentos que ampliaram as possibilidades de trocas comerciais, como dito na canção de José Augusto Maia, intitulada de História de Santa Cruz do Capibaribe.

Chegou o Coronel Luiz Alves e o progresso fez surgir, trouxe o primeiro telegrafo, a energia a motor, cinema, rádio e vitrola, e o automóvel comprou, para escoar a produção trouxe o primeiro caminhão (AUGUSTO 2019, p.?)

Figura 1: Coronel Luiz Alves



Fonte: Acervo pessoal Arnaldo Vitorino

²⁰ (FURTADO, Celso; "Cultura e Desenvolvimento em época de crise". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.107).

Dessa forma podemos observar suas benfeitorias para a cidade, na figura 02, seguinte, os caminhões carregados de retalhos, que fomentariam a produção da Sulanca em uma escala vagarosa, mas que já se apresentava ao público.

Figura 2: Caminhão carregado de derivados de tecidos



Fonte: Acervo pessoal Arnaldo Vitorino

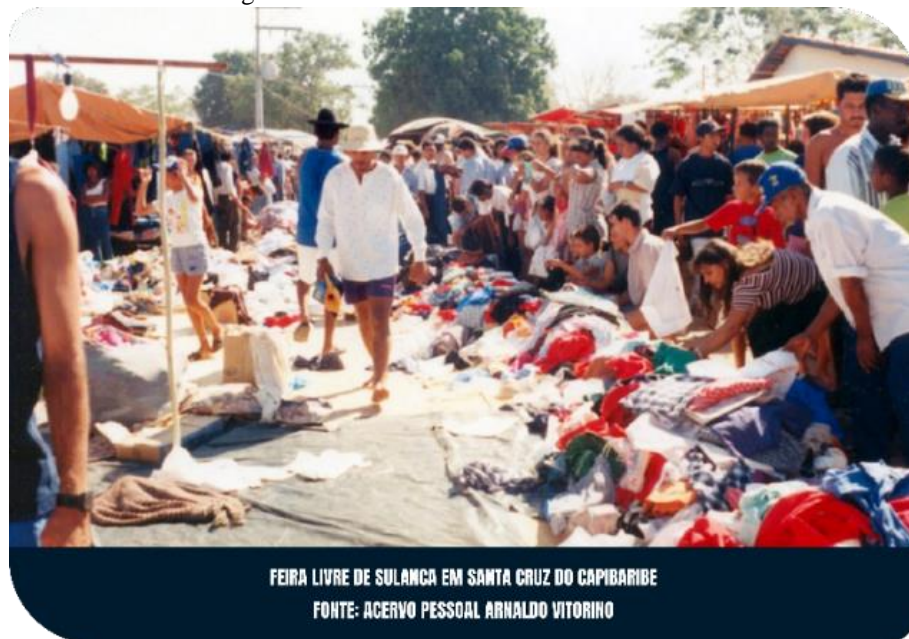
Essa pujança de produção favoreceu a comercialização e ampliou a fabricação das tradicionais colchas de retalhos, elaboradas pelas costureiras da região. Confeccionadas a partir dos tecidos que chegavam do Sul nesses caminhões trazidos por homens que enxergaram um público alvo na cidade e um potencial nas costureiras. Sendo assim, o número de mercadorias produzidas não apenas aumentou como se diversificou e permitiu a elaboração de outros itens de vestuário. Em todos esses processos as costureiras tiveram papel fundamental por serem as mesmas a tomar praticamente todas as iniciativas que posteriormente seriam adotadas pela população em geral, com a costura adentrando aos lares do município.

Desde os anos de 1960 nas ruas da cidade, as costureiras vendiam e comercializam as suas confecções, a aclamada Sulanca, que por vezes ainda se nomeiam assim, mas que atualmente abandona esse teor que se tornou quase “pejorativo”, ao passo que prezam sempre em suas falas a qualidade produzida e que daquele modo, de baixa qualidade não se produz ou vende-se mais. Sendo assim, as colchas de retalho dadas a qualidade que se era possível produzir foi à gênese das confecções, pois como expressa Campello.

Com o uso de retalhos, que serviam de matéria-prima para as costureiras da zona rural produzirem peças de roupas e cobertas, a serem vendidas nas feiras livres, é importante lembrar que a ampliação das confecções, conhecidas por “sulanca”, aconteceu mais intensamente durante as décadas de 1960 e 1970.²¹

Como descrito por Campello, assim se constituíram as feiras de retalhos da Sulanca, diversidade e amontoado de cores que permearam diversas peças, formatos e tamanhos, na imagem seguinte podemos observar o aglomerado que começara se formar em busca das mercadorias nas décadas de 60, dando uma face ao movimento da sulanca no município como descrito na imagem 03.

Figura 3: Feira livre de sulanca em Santa Cruz



Fonte: Acervo pessoal Arnaldo Vitorino

Frente a isso que a cidade passa por um rápido processo de transformação que fundamenta a modernização do setor, no qual se enxergava um futuro promissor, desencadeando um dos maiores centros atacadista do Brasil²², um fenômeno na manufatura de vestuários, mas que em sua dualidade mostrava a ineficiência governamental que reforça as dificuldades, fazendo parecer que o orgulho dos feitos e realizações da terra de Santa Cruz do Capibaribe, tinha-se impregnado nos corações e mentes das populações da região, tornando algo digno de destaque, que faz todas as homenagens posteriores ao sucesso do Polo de

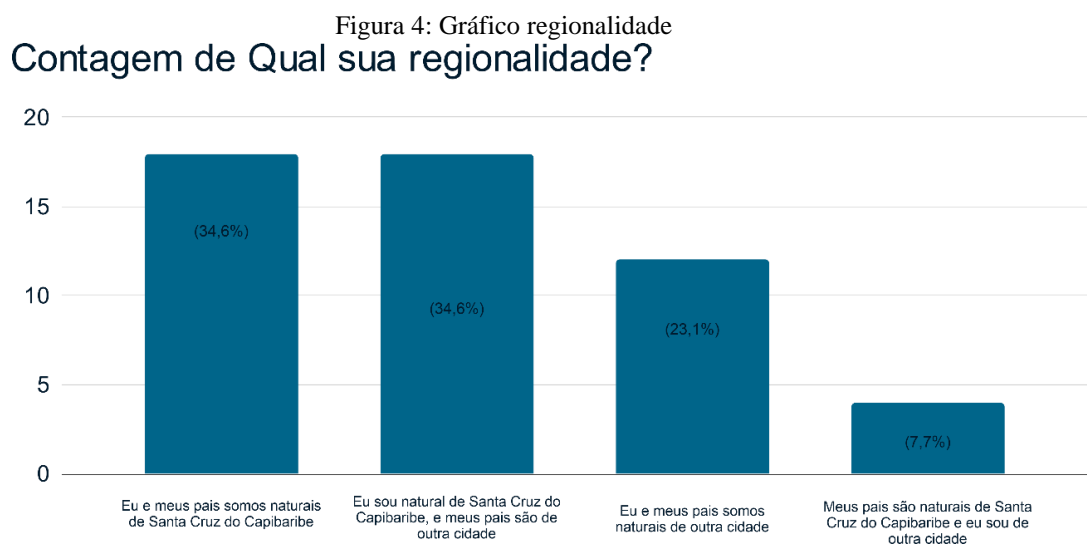
²¹ CAMPELLO, G. M. da C. **A atividade de confecções e a produção do espaço em Santa Cruz do Capibaribe**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

²² Sobre o Moda Center. Moda Center Marketing, 2022. Disponível em: <https://www.modacentersantacruz.com.br/sobre> Acesso em:

confeções serem cabíveis, a essa potência santa-cruzense, da ascensão em meio às amarguras.

Santa Cruz do Capibaribe é decididamente uma cidade boa para se conseguir trabalho, os processos migratórios são veementemente visíveis no cotidiano, que possibilitou tamanha migração devido à falta de trabalho e a pobreza em suas regiões vizinhas de origem. Santa Cruz, Toritama e Caruaru como a tríade da confecção dispõem de fortes motivos para a retenção dos imigrantes por tempo indeterminado, oferecendo ganho que permitem a subsistência e acúmulo de capital, que não seria necessariamente tão favorável que continuar na sua cidade natal, sendo assim o trabalho, a dinâmica da economia e das oportunidades de progresso profissional.

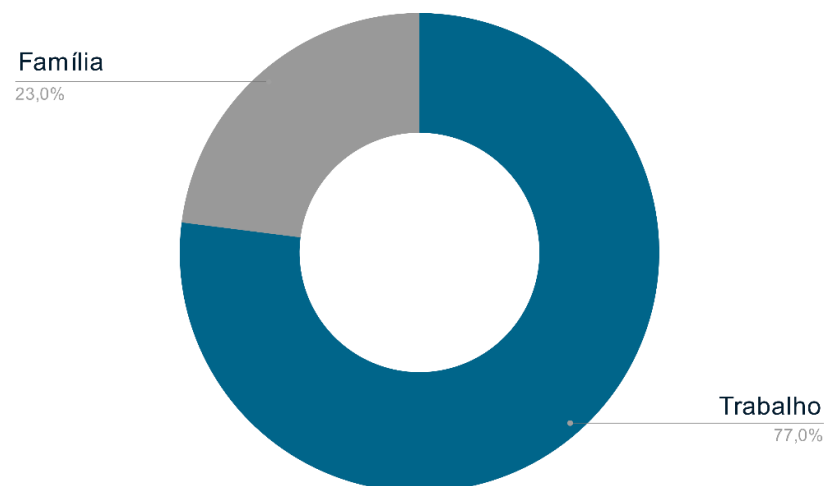
Os principais fatores de tal permanência, os quais foram identificados em nossa pesquisa por meio do *Google Forms*, na cidade, que teve em vista o público alvo nas costureiras e quem necessariamente vivencia essa realidade, deste modo podemos obter os seguintes dados, que ressaltam as condições da busca de melhores condições de vida e da imigração de regiões circunvizinhas em especial a busca por trabalho, com faixa etária que percorriam dos quatorze aos quarenta anos de idade os respondentes da pesquisa, evidenciaram assim desde as motivações que os trouxeram ao município, e como gerações percorreram esse processo, obtendo em primeira instância com 34,6% o fator de que os respondentes juntamente com seus pais são naturais do município, mas igualmente com a mesma porcentagem tem-se que uma parte significativa que tem seus pais naturais de outras cidades que vieram até a cidade, se instalando e gerando filhos que tornaram-se naturais do solo santa-cruzense, nos dados subsequentes da figura 4, podemos mostrarmos parâmetros migratórios em terceiro lugar com um alto número de pessoas advindas de outras regiões.



Fonte: Pesquisa elaborada por George Tenório, 2022

Tendo em vista como se estabelece a população da região com os fluxos migratórios, ainda na pesquisa pontuamos quais as motivações e causas que fomentaram o ato migratório ao município, descrito assim em respostas curtas que as famílias estabelecidas e abrigadas, representam 23%, do aspecto parentesco, mas que mesmo essas famílias iniciaram-se desde cedo na confecção ou vieram com esse mesmo intuito, já a grande parte do gráfico sobre a migração para a cidade na figura 5 abaixo, com 77% admitem terem migrado a região com a principal motivação gerada a busca por emprego e melhores condições de vida a partir do mesmo, causando assim uma forte representatividade do público advindo das mesorregiões.

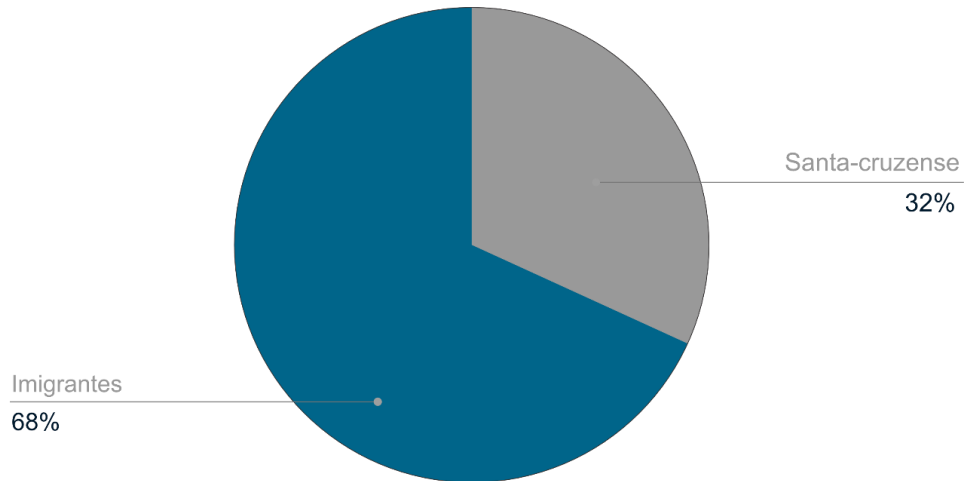
Figura 5: Gráfico sobre migração
Sendo de outra cidade, qual o motivo que trouxe
você ou seus pais a Santa Cruz?



Fonte: Pesquisa elaborada por George Tenório, 2022

Para complementar a pesquisa acerca do teor populacional diverso de Santa Cruz, em sua grande maioria torna-se “estrangeira”, ou seja, não natural da cidade, ficando ainda mais notório em uma pesquisa acerca do fluxo migratório para a cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE em uma análise no polo de confecções de Pernambuco, onde os estudiosos João Paulo Silva Alencar e Márcio Balbino Cavalcante montaram o respectivo gráfico abaixo representado na figura 6 que amplia a perspectiva sobre a origem dos respondentes de outras pesquisas sediadas na cidade.

Figura 6: Gráfico origem dos envolvidos
Origem dos participantes da pesquisa de Santa Cruz do Capibaribe - PE



Fonte: Pesquisa elaborada por João Silva Alencar, Márcio Cavalcante, 2018

Considerando a origem específica dos participantes da pesquisa, o maior percentual do fluxo é interno (35%), ou seja, dentro do próprio estado, seguido de oriundos de outros estados (34%), com destaque para Paraíba (13%), um dos cinco estados que faz divisa com Pernambuco. Isso permite observar que há diversidade de origens na cidade.²³

Esse processo de públicos e mão de obra variada, também fora fundamental, para a concretização do município e seu sucesso comercial, porém não se tornou incisivamente suficiente para se alcançar a qualidade de vida. Dentro dos fabricos que abarcam um contingente que percorrem de dois a cem funcionários, denominados também de facção²⁴ em um único local, costurando em horários por vezes desarmonizados, em condições insalubres, mas que por vezes é uma das saídas mais vislumbradas mediante a necessidade de sobrevivência, uma ilusão que se instaura pelo imaginário coletivo de pessoas que ascenderam socialmente na sociedade do município, de acordo com a pesquisa do SEBRAE²⁵ em 2013, a quantidade de unidades produtivas, fundadas em casas, com um forte teor de terceirização, como empreendimentos complementares em Santa Cruz, é superior no âmbito dos polos de confecções do Agreste, com uma marca de 5.722 estabelecidos, onde podemos ver no gráfico

²³ **PAULO**, João Silva Alencar; **BALBINO**, Márcio Cavalcante. Fluxo migratório para a cidade de Santa Cruz do Capibaribe (PE): uma análise no polo de confecções de Pernambuco, Revista Espaço Acadêmico, n. 200, janeiro de 2018. pp 6

²⁵ Estudo Econômico do Arranjo Produtivo Local de Confecções do Agreste Pernambucano, 2013, serviço de apoio às micro e pequenas empresas do estado de Pernambuco SEBRAE, Pernambuco. pp 35

sequente a hierarquia santa-cruzense sobre os demais municípios com o número de unidades produtivas até a quantidade de empresas.

Figura 7: Gráfico empreendimentos complementares

Municípios	Unidades Produtivas	Empresas	Empreendimentos Complementares					
	Número de unidades produtivas	% no total do polo	Número de empresas	% no total do Polo-10	% das empresas no total das unidades produtivas do município	Número de empreendimentos complementares	% no total do Polo-10	% dos empreendimentos complementares no total de unidades produtivas
Agrestina	299	1,6	129	1,2	43,1	170	2,1	56,9
Brejo da Madre de Deus	1.396	7,4	1.156	10,8	82,8	240	3,0	17,2
Caruaru	4.530	24,1	1.313	12,2	29,0	3.217	39,9	71,0
Cupira	135	0,7	80	0,7	59,3	55	0,7	40,7
Riacho das Almas	415	2,2	124	1,2	29,9	291	3,6	70,1
Santa Cruz do Capibaribe	7.169	38,1	5.722	53,3	79,8	1.447	18,0	20,2
Surubim	454	2,4	291	2,7	64,1	163	2,0	35,9
Taquaritinga do Norte	1.185	6,3	821	7,6	69,3	365	4,5	30,8
Toritama	2.818	15,0	962	9,0	34,1	1.856	23,0	65,9
Vertentes	401	2,1	146	1,4	36,4	256	3,2	63,8
Total	18.803	100,0	10.744	100,0	57,1	8.060	100,0	42

Fonte: Pesquisa elaborada por SEBRAE-PE, 2013.

Personalidades assim como no passado semearam na cidade grandes marcas, fomentaram empresas grandiosas com legados que carregam Santa Cruz, no Brasil a fora, como a Rota do Mar, fundada pelo então Arnaldo Xavier, como descrito em seu livro.

Uma criança cheia de sonhos perde o pai aos sete anos e precisa dividir precocemente o tempo da escola com o trabalho. Para ajudar a mãe a criar os quatro irmãos, vendia picolé, cocada e fazia frete na feira. Junto com o irmão um ano mais novo, pedia restos de alimento nas casas para dar aos porcos, cuja venda complementar a renda da família naqueles tempos difíceis da década de 1970 em Santa Cruz do Capibaribe, no Agreste de Pernambuco.²⁶

Deste modo, o ciclo econômico da cidade encontra-se intimamente relacionado às feiras semanais como décadas atrás, as quais grande parte dos estados brasileiros fazem compras, escoando a produção, com bom preço e qualidade trabalhada desde o berço. As feiras durante o período de alta temporada, como se chama os períodos em que os compradores antecipam as compras na região, realizadas no atacado, para vender em no varejo em suas regiões fazendo assim o Moda Center chegar a um público visitante de cerca de 100.000 pessoas por dia durante os finais de semana deste período, segundo o portal G1, com seu público amostra na fotografia abaixo (figura 08), em uma dessas feiras do período de alta temporada.

²⁶ (XAVIER, Arnaldo. “Rota do Mar e Arnaldo Xavier – 2016)

Figura 8: Moda Center Santa Cruz



Fonte: Acervo pessoal George Tenório, 2021

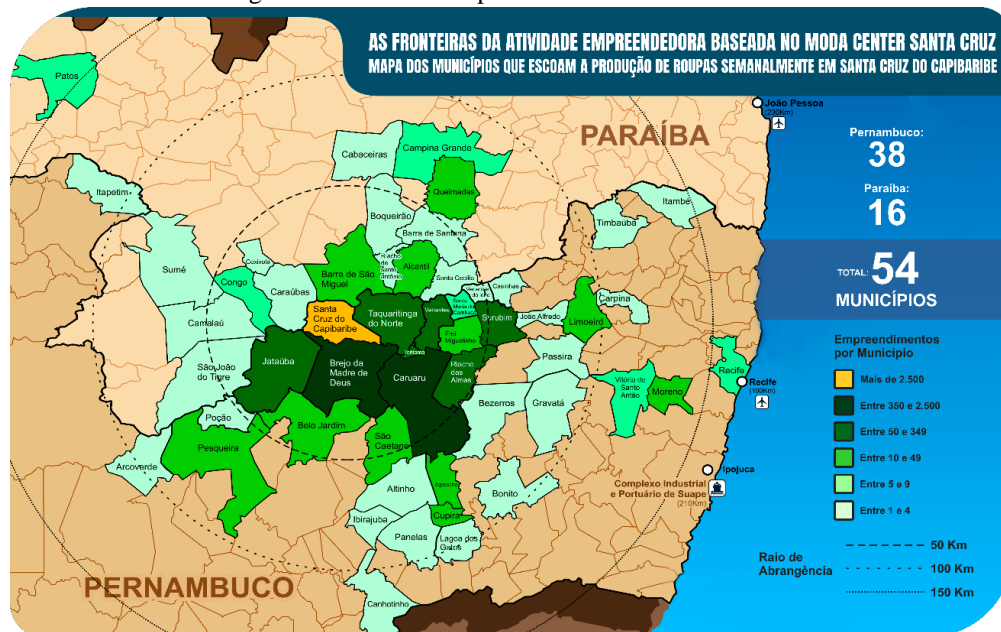
As peças oriundas da produção local eram comercializadas com certa margem de lucro para as costureiras e/ou comerciantes e permaneciam atrativas ao mercado, pois também eram produzidas a baixo custo. As décadas seguintes, especialmente os anos 1990, seriam decisivas para mudar os rumos da cidade, que, de modesto vilarejo viria a se tornar, em pouco tempo, importante polo de confecções do Nordeste, com forte apego ao empreendedorismo, trabalho e conquista de capital.

Com isso em estudos datados mais recentes da secretaria de desenvolvimento econômico, agricultura e meio ambiente em parceria com o SENAI e o Moda Center e divulgado também pela CDL Santa Cruz, acerca da amplitude e influência do patamar produtivo santa-cruzeiro em conjunto a máquina atacadista alcunhada de Moda Center, que promoveu a porta para o escoamento frenético das produções, dando *status* a cidade. Com a economia mais crescente no Agreste pernambucano, se torna uma espécie de oásis para os empreendedores que sonham iniciar um negócio com pequenos investimentos, alimentando um grande potencial de lucro, mas que não superam também o teor problemático dessa perspectiva que abordaremos mais à frente.

Com essas prerrogativas, evidencia-se que o motor da confecção se sobressai como a cidade com progresso econômico visível no Agreste pernambucano, se tornando um oásis para os empreendedores que sonham iniciar um negócio com pequenos investimentos que tem grande potencial de lucro. Realçando-se a influência além das linhas territoriais do município,

através da Câmara de Dirigentes Lojistas de Santa Cruz do Capibaribe, em uma pesquisa detalhada em parceria com outros órgãos como a Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Capibaribe, em especial a secretaria de desenvolvimento econômico, agricultura e meio ambiente em conjunto com o SENAI e o Moda Center, sintetizaram os raios de abrangência do comércio santa-cruzense e a influência exercida pelo polo da cidade, evidenciando assim no gráfico abaixo (figura 09) a quantidade de municípios e fronteiras que escoam a produção semanalmente.

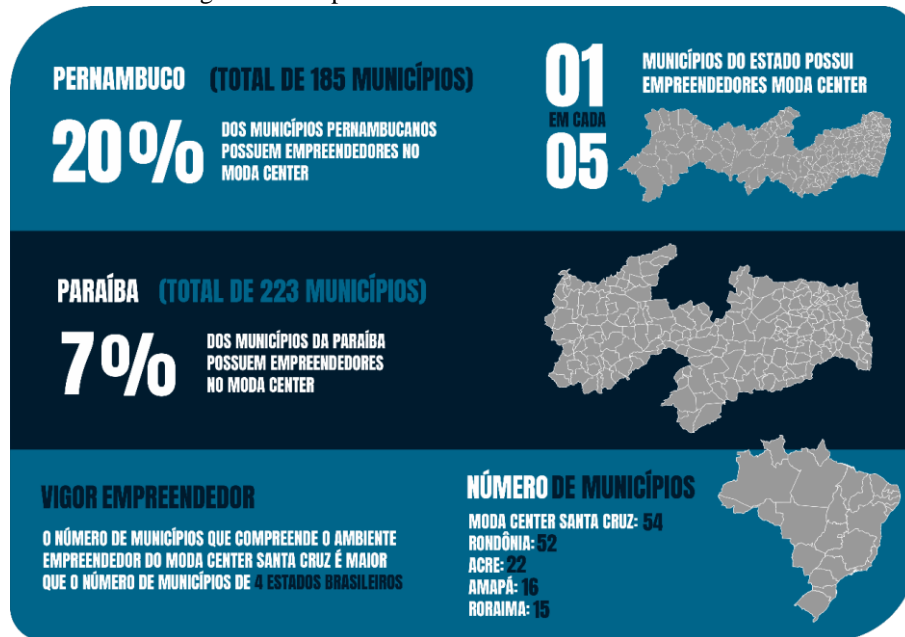
Figura 9: Fronteiras empreendedoras com Santa Cruz



Fonte: CDL Santa Cruz, acesso em: 2021

Traçando um *ranking* das cidades que escoam mais mercadorias e produtos do polo têxtil para suas regiões, através das excursões, agitando assim a economia que gira todos os outros comércios da cidade, perceptível no dia a dia, nos dizeres populares “Quando a feira vai bem, tudo vai bem”, até às problemáticas do presente no município são deixadas de lado para o envolvimento prestativo no frenesi das vendas, com o pódio de cidades mais envolvidas no comércio santa-cruzense, se pode observar abaixo na figura 10, o total de municípios que possuem pessoas presentes no polo de confecções, como também extensões até estados onde as mercadorias chegam.

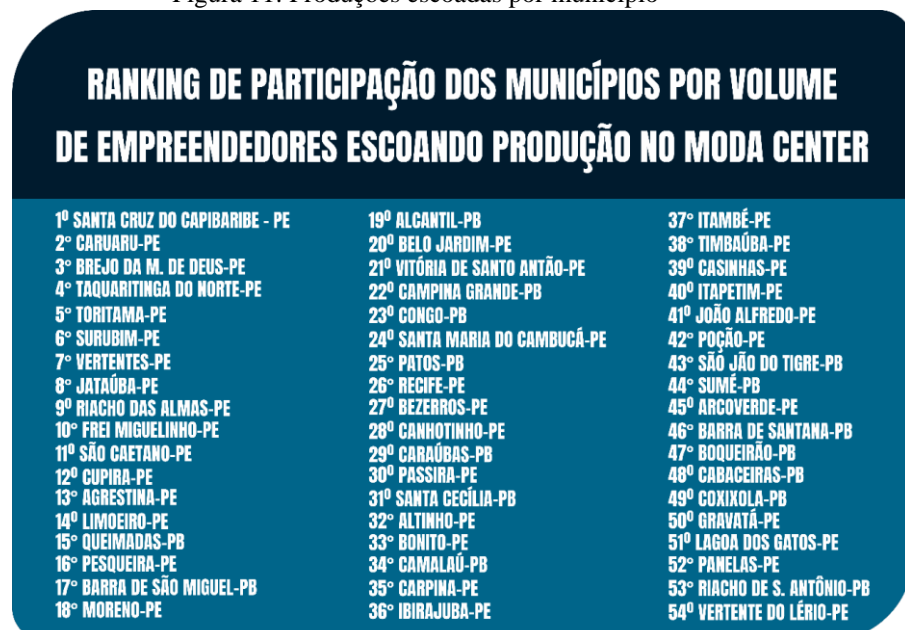
Figura 10: Empreendedores no Moda Center



Fonte: CDL Santa Cruz, 2021

Os municípios auxiliares, ou seja, que fomentam o escoamento da produção, são diversos e percorrem grandes faixas do solo pernambucano, paraibano e do Brasil, desse modo é possível notar de onde vem o público que superlotam as feiras das altas temporadas da cidade, no gráfico abaixo da figura 11, as principais cidades responsáveis pelo movimento da confecção santa-cruzense, se destacam como forma de abarcarem seus comércios com produtos advindos do polo.

Figura 11: Produções escoadas por município



Fonte: CDL Santa Cruz, 2021

Com os dados acima mostra-se a camada empreendedora presente na gênese santacruzense que perpassam suas fronteiras, mas que mesmo assim pontua-se, travarem as lutas que se assemelham as de inúmeras outras populações em situação de vulnerabilidade em todo o mundo, que acabaram por negligenciar questões importantíssimas para uma sociedade mais justa, como a fomentação de políticas públicas que possibilitassem tratamento diferenciado aos cidadãos. De modo que, de acordo com as suas necessidades específicas, as pessoas sejam tratadas de forma humanamente diferentes para que sejam socialmente postas em condição de igualdade, visto que hoje a população local sabidamente pode desfrutar, economicamente, de melhores condições de vida que as apresentadas aos seus conterrâneos do século XX, todavia, os contrapontos do crescimento econômico já começam a aparecer em seus mais diversos aspectos dentre as muitas problemáticas existentes no município, desde a falta de espaço lazer para a população, condições de trabalho dignas, salários justos, ambientes saudáveis de trabalho, relações entre patrões e funcionários mais harmônicas, escolaridade e capacitação, como também a baixa valorização da mulher em seu papel de costureira, e atuante nas suas próprias causas, por vezes pouco ouvida, assim como diversos outros problemas enfrentados pela sociedade do município.

3 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O GÊNERO NA HISTÓRIA

Tomando por base a obra “Descobrimo historicamente o gênero”, da Margareth Rago (1998), podemos observar que os estudos de gênero no Brasil se iniciam na década de 90, a partir de questionamentos sobre o porquê da forte presença masculina frente à feminina nas instituições.

A saída das mulheres das “sombras” para dentro da academia formou intelectuais que trouxeram abordagens novas sobre os papéis das mulheres e suas contribuições para a história. Pensar essas discussões que antes eram feitas apenas nos ambientes externos às academias, temas da realidade feminina, trazem à tona novas personagens à narrativa histórica.

Desse modo, o movimento de desconstrução dos aspectos da vida social, cultural e sexual, permitiu problematizações não feitas anteriormente dentro da academia, com um novo teor, pois como expressa a Rago (1998, p.91), “mulher e homem, criança ou trabalhadora, prostitutas, loucas, nesse sentido deveriam deixar de ser pensados como naturezas biologicamente determinadas.”²⁷

Nessa perspectiva, a análise de indivíduos como construções sociais inseridas em relações de poder, que se alimentaram durante o processo histórico, através da dominação masculina constituída como absoluta, com força divina afirmada, como únicas, passam a ser questionadas sobre a consolidação nas relações de poder, por meio desses novos pensamentos. Com a inserção das mulheres na história buscou-se evidenciar as lutas e a construção de uma nova linguagem e olhar acerca das mulheres no tempo. Para isso utilizando da contextualização com a categoria de gênero, para evidenciar o estudo desse estado a mulher submissa ao homem, sendo assim a causa da desigualdade, uma condição construída social, culturalmente.

Assim, entendido como construção histórica, sociocultural e educacional de noções de feminilidade e masculinidade, fundada na diferença sexual, o conceito de gênero vem sendo elaborado pela teoria feminista desde os anos de 1970, visando desnaturalizar as diferenças e denunciar as desigualdades de sexo²⁸.

Para tal fundamentação utilizou-se a categoria do gênero, que permitiu dar base para entendermos que as condições para ser homem ou mulher não se determinam por condições

²⁷ **RAGO**, Luzia Margareth. Descobrimo historicamente o gênero: pág. 91. Cadernos pagu (11) 1998: pp.89-98

²⁸ **EULINA**, Maria P. de Carvalho. GÊNERO: O que é e o que não é ideologia. NIPAM/Centro de Educação/UFPB, 2017: p. 5

biológicas, mas por métricas e valores sociais, além de crenças e relações de poder; desta forma, afirma a Margareth, “é importante que possamos perceber a construção das diferenças sexuais históricas e culturalmente determinada, desnaturalizando, portanto, as representações cristalizadas no imaginário social.”²⁹

Registra-se uma forte preocupação em resgatar a presença das mulheres pobres e marginalizadas, trabalhadoras ou não, como agentes da transformação, em mostrar como foram capazes de questionar, na prática, as inúmeras mitologias misóginas elaboradas pelos homens de ciência para justificar sua inferioridade intelectual, mental e física em relação aos homens isso exclusão da esfera dos negócios e da política³⁰.

Ainda sobre o caráter fixo de teor feminino versus o masculino, outra autora que assinala tal questão, é a historiadora Rachel Soihet (2013) para que assim se pudessem questionar o processo de feitura de tais pré-conceitos, estabelecendo uma nova história que questiona os papéis e quais aspectos exerceram uma influência sobre eles, qual utilização do gênero como método de análise para quebra de paradigmas antigos acerca do feminino e masculino, tornando observável a ideia de que mesmo com a vasta dominação masculina na história, as mulheres em suas diferentes frentes de batalha, não deixaram esse processo ocorrer de forma pacífica sem conjugar as condições, as ideias feministas fizeram resistência diante dessa construção, fazendo frente a processo de tomada do lugar de fala, ocupar esse espaço seria primordial para defender seu local perante a sociedade.

O conceito de “lugar de fala” é essencial na luta pela igualdade e justiça social, pois reconhece a importância da diversidade de perspectivas e experiências que cada indivíduo traz para o diálogo social. O livro "O que é: lugar de fala?" de Djamila Ribeiro³¹ traz uma reflexão profunda sobre esse tema, demonstrando como a identificação dos lugares de fala pode ser uma ferramenta poderosa para combater a opressão e a exclusão.

Sendo um lugar de fala a posição social que um indivíduo ocupa, que é influenciada por suas vivências e identidades. Essa posição afeta a forma como cada pessoa percebe e é percebida no mundo, influenciando suas opiniões, crenças e valores. Dessa forma, o reconhecimento dos lugares de fala é crucial para a compreensão das diferentes perspectivas que existem em uma sociedade. No entanto, é importante destacar que o reconhecimento dos lugares de fala não significa que apenas pessoas pertencentes a

²⁹ Ibidem, p. 93.

³⁰ **RAGO**, Luzia Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. pág. 83. **SILVA**, Zélia Lopes (Org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995

³¹ **RIBEIRO**, Djamila. Feminismo: velhos e novos dilemas uma contribuição de Joan Scott. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 31, p. 553–564, 2016.

determinados grupos sociais possam falar sobre questões que cumpriram esses grupos. Todos podem e devem se engajar nas lutas pela igualdade, mas é preciso entender que as experiências e perspectivas de cada indivíduo são diferentes e devem ser considerados na construção do diálogo e das soluções.

Ao reconhecer os lugares de fala, é possível evitar a apropriação ilimitada de discursos e lutas que não pertencem a determinados grupos, como acontece com frequência quando pessoas privilegiadas se apropriam de pautas de minorias para se sentirem incluídas ou para obterem vantagens políticas. Essa apropriação é prejudicial, pois anula as vozes das pessoas que realmente vivenciam a opressão, a construção de uma sociedade mais igualitária passa pela compreensão das diferentes vivências e perspectivas. É preciso reconhecer que a realidade é vivida de maneiras distintas por cada indivíduo, e que essa diversidade deve ser valorizada e considerada nas decisões políticas, sociais e culturais. Portanto, o reconhecimento dos lugares de fala é uma ferramenta essencial na luta pela igualdade e justiça social, destaca-se assim a importância de se defender a diversidade de perspectivas e experiências na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, as mulheres, dentro desse âmbito dominante masculino, não têm suas circunstâncias apenas aceitas e vivenciadas por elas, pois criam artifícios dentro da lógica do dominador, como forma de resistência, não somente cedendo a uma dominação de bom grado, como explica o Roger Chartier (1995, p.82), onde “uma tal incorporação da dominação não exclui a presença de variações e manipulações por parte dos dominados”³², concretizando o ponto de que a aceitação histórica por parte das mulheres, não está ligada a uma submissão alienante. Utilizando-se de artefatos que permitiram sobressair da relação de dominação imposta, reconstruindo o papel da mulher a partir de uma perspectiva de atuação.

A utilização de uma nova perspectiva que permitisse perpassar o campo dos estudos descritivos para os analíticos, se fez necessário, ao passo que permitiu uma conexão problemática de análise acerca do estado e condições dos indivíduos, no processo histórico, possibilitando responder questões por óticas diferentes, permitindo serem acrescentados na história geral.

Outro referencial teórico que levanta o debate acerca do gênero e do imaginário social acerca da mulher é a historiadora Louise A. Tilly (1987), que aborda acerca da atenção dada anteriormente a outros aspectos da atividade humana, onde a mulher era ainda mais isolada,

³² CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu* (4) – fazendo história das mulheres, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995, pag. 82 apud Soihet, Rachel. (2013). História das mulheres e história de gênero: um depoimento. *Cadernos Pagu*, (11), 77–87;

onde o âmbito doméstico fora reservado como seu lugar natural, fizeram com que as mesmas fossem escanteadas e tivessem seu lugar negado como atrizes históricas. Mas que por meio do gênero e de um teor social na historiografia, fosse possível nortear novos questionamentos.

Frente a esse processo, estudiosas como Patrícia Cooper na década de 90, ao expressar a relação de homens e mulheres com o trabalho nas tabacarias, que dado o teor de ambas as culturas, de um forte trabalho feminino nas tabacarias assim como nos fabricos em Santa Cruz, além da jornada sequente como dona de casa e responsabilidades que lhe aguardavam em casa, podemos assimilar as práticas culturais e sociais com município de Santa Cruz do Capibaribe acerca do indivíduo masculino santa-cruzense, a quem foi resguardado o papel de homem negociante, detentor do capital, do qual a história oficial falaria, que vendia as sulancas, já o papel feminino dedicava-se o isolamento, o enclausuramento as rotinas de trabalho sem fins, além da segunda jornada no âmbito doméstico, assim explicitando traços presentes na passagem da autora.

A cultura masculina do trabalho, que insistia na autonomia, na identidade coletiva, na solidariedade, na Independência obstinada, do orgulho, no amor próprio, no controle do trabalho, no respeito a virilidade e na lealdade multa e já na cultura feminina, na qual as mulheres permaneciam mais isoladas umas das outras, carregando um fardo da sua segunda jornada de trabalho em casa.

³³

Em síntese, o reconhecimento da estrutura e dos protagonistas envolvidos nas relações de poder, se fazem necessários para uma crítica contundente, para tal medida, o gênero torna-se fundamental por possibilitar perceber esses fatores nessas relações de poder no contexto sociocultural e o papel de cada um, constituídos pela cultura, pois como descreve Scott (1988, p.26-27)

“Uma historicização e uma desconstrução autênticas dos termos da diferença sexual, analisando no seu contexto a maneira pela qual opera toda oposição binária, revertendo e deslocando sua construção hierárquica, ao invés de aceitá-la como real, como dado ou como estando na natureza das coisas.”³⁴

Com tal aproximação do gênero para análise dessa desconstrução, é possível notar na obra de Davidoff e Catherine Hall (1994), como os homens que tendiam a buscar pela ascensão econômica e social, sustentavam tal projeto através do modelo econômico fundamentado pelo papel feminino e seu empenho.

³³ COOPER, Patricia A.: *Once a Cigar Maker: Men, Women, and Work Culture in American Cigar Factories, 1900-1919*. Urbana-Chicago, University of Illinois Press. 1987, p. 6. Apud. LOUISE A. Tilly. . *Cadernos Pagu*, Desacordos, desamores e diferenças, v.3, p. 29-62, 1994. p.. 45

³⁴ SCOTT, J.W.: *Op. cit.* 1988, p. 26-27. apud LOUISE A. Tilly. *Cadernos Pagu*, Desacordos, desamores e diferenças, v.3, p. 29-62, 1994. pág. 49

Os homens da classe média, que procuravam se alguém, contar enquanto indivíduos por causa de sua riqueza, sua capacidade de comando ou sua capacidade de influenciar os outros, eram, na realidade, dependentes do sustentáculo das redes femininas e familiares que apoiavam sua ascensão social.³⁵

Sem acometer anacronismo, dada a distância entre os contextos e suas condições culturais e políticas do seu tempo, podemos nos familiarizar com o padrão explicado pelo autor, à passagem que se presenciou que observamos no município de Santa Cruz, durante todo processo de concretização da feira de sulanca ao que se tornara hoje, amparado pelo trabalho veementemente feminino, que possibilitou a ascensão de homens do município como vimos no capítulo anterior com o Arnaldo Xavier e tantos outros exemplos empíricos na sociedade santa-cruzeira.

Deste modo, as mulheres foram responsáveis pela alta mobilidade social gerada no município, tendo em vista a direção da ascendência em aspectos econômicos, populacionais e corporativos. Conseqüentemente, dado o panorama em que se encontra a realidade das mulheres no município, o intuito historiográfico firma-se na análise e destaque das condições e problemáticas, na deficitária formação da consciência feminista, para que se possa compreender as desigualdades de poder ainda típica do município, observando sua independência não concretizada, visto a alta dependência e enraizamento dessas condições de turnos, que procedem à operária a dona de casa, na sociedade no agreste pernambucano.

Sendo assim, observar a perspectiva dos vencidos, permite entender o panorama atual do porquê da situação em que se encontram as costureiras e como podem dinamizar suas situações cotidianas, pois como relata a autora, apesar do empenho das mulheres, ainda não se fez com que se mudasse em grandes proporções seus status sociais, com sua independência fragmentada, pois como pontua Tilly (1987) trazendo ao contexto do município “as mulheres foram atrizes das lutas pelo poder revolucionário, mas não vitoriosas”³⁶. Dentre esse processo diversas mulheres, não como um escopo unitário, mas com diversas faces desse movimento, sejam elas ricas, pobres, costureira ou madame, o movimento teve suas faces primordiais daquelas que não tiveram subsídio financeiro para arcar com outra mulher que fizesse seu serviço doméstico, desse modo como descreve Jose Mendes, relata a realidade dessas mulheres.

³⁵ DAVIDOFF, Leonore Catherine Hall: *Family Fortunes: Men and Women of the English Middle Class, 1750-1850*. Chicago, University of Chicago Press. 1987. apud **LOUISE A. Tilly**. . Cadernos Pagu, Desacordos, desamores e diferenças, v.3, p. 29-62, 1994. pág. 54

³⁶ **LOUISE A. Tilly**. Cadernos Pagu, Desacordos, desamores e diferenças, v.3, p. 29-62, 1994. pág. 61

A pobre sem um vintém
 Não compra nada na feira,
 A mulher do rico é dama,
 A do pobre é costureira,
 Não pode comprar a máquina
 Termina sendo rendeira,
 Pobre sentada na mó
 Por lhe faltar a cadeira,
 A pobre rede é de palha
 A porta, simples esteira,
 Usa panela de barro,
 Pra cozinhar macaxeira.³⁷

Essa realidade foi a qual as mulheres santa-cruzense se sujeitaram durante longo tempo até a “virada de chave da sulanca”, onde a empreitada da confecção se tornaria um motor econômico, foram essas mulheres, pobres, da zona rural, em busca de melhores condições de vida e de trabalho, que deram um “rosto” ao movimento das mulheres santa-cruzense, desse modo fazendo observar os diferentes modelos de movimentos feministas que ampliam a discussão nessa ótica, que para além do feminismo tradicional igualitário, houvera outras ramificações do movimento que permitiram questionar as diversas individualidades imbricadas nesses processos, pois como analisa Scott.

Onde aborda a tensão dentro do movimento feminista em relação à questão da identidade e da diferença. A autora argumenta que enquanto o feminismo clássico focava na igualdade entre os sexos, o feminismo pós-moderno enfatiza a diversidade e a importância de reconhecer a diferença entre as mulheres. No entanto, Scott afirma que essa ênfase na diferença pode levar a divisões dentro do movimento feminista e obscurecer a importância de uma luta coletiva por igualdade e justiça social. No qual discute a relação compatível entre feminismo e pós-modernismo, questionando se o feminismo pode ser realmente com a visão pós-moderna da identidade, desse modo, existem diversas complexidades do feminismo e seus dilemas históricos e contemporâneos. Em seu ensaio "Feminismo: velhos e novos dilemas"³⁸, Scott argumenta que o feminismo é uma ideologia complexa que tem sido moldada por uma variedade de forças sociais, políticas e frustradas ao longo do tempo.

³⁷ José Mendes. O pobre e o rico. Biblioteca de Cordel. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

³⁸ MELO, Érica. Feminismo: velhos e novos dilemas uma contribuição de Joan Scott. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 31, p. 553–564, 2016.

Ao constatar, destaca como há diferença entre o feminismo liberal e o feminismo radical. O feminismo liberal se concentra na igualdade formal entre homens e mulheres, enquanto o feminismo radical argumenta que a opressão das mulheres é inerente ao sistema patriarcal e que uma transformação radical da sociedade é necessária para alcançar a verdadeira igualdade. A autora também enfatiza a importância da interseccionalidade no feminismo contemporâneo. Ela argumenta que a opressão das mulheres é influenciada por outras formas de opressão, como a raça, a classe e a sexualidade, e que o feminismo deve abordar essas interconexões de forma mais significativa.

Outro dilema que Scott destaca é a tensão entre o feminismo global e o feminismo local. Ela argumenta que o feminismo global é frequentemente orientado por agendas ocidentais e que a diversidade cultural e política deve ser levada em conta para que o feminismo seja verdadeiramente inclusivo.

Por fim, Scott aborda a tensão entre o feminismo como uma ideologia e como um movimento social. Ela argumenta que, embora o feminismo tenha sido moldado por ideias e conceitos teóricos, ele também depende do ativismo político e da organização social para alcançar mudanças concretas.

Sendo assim, o ensaio de Joan Scott destaca que o feminismo é uma ideologia complexa que enfrenta uma variedade de dilemas históricos e contemporâneos, cabendo analisar categoricamente as diversas mulheres e movimentos existentes no município para que assim possamos conhecer quais são essas mulheres que se encontram nessas condições. Para que o feminismo seja verdadeiramente inclusivo e eficaz, deve-se abordar a interseccionalidade, a diversidade cultural e a política e a tensão entre ideologia e movimento social.

4 AS MULHERES E A FEIRA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Para adentrar a rotina santa-cruzeense vale percorrer o que dizem os estudos e produções acerca do papel atuante da mulher no mundo do trabalho, especificamente aqui na costura, na indústria e na agricultura, para isso tomaremos como base a discussão inicial a respeito do gênero, perspectiva primordial para entendermos a sociedade não somente do município, mas como as relações de poder se deram e como o papel doméstico fora dedicado a mulher como sua obrigação natural, fator este que está intrinsecamente ligado a realidade das mulheres, partimos assim, de visão desconstrutivista dessa estrutura.

Deste modo, para a correlação com a inquietação e atuação feminina em massa, nos campos de trabalho da cidade, nos ateliês de costura, e até mesmo em casa, nas indústrias, como domésticas, viabilizando assim o berço econômico santa-cruzeense, se iniciou com a participação de personalidades femininas como a Margarida Monteiro, a Petronilla³⁹, entrevistadas pelo setor jornalístico do próprio Moda Center para seu acervo histórico da costura, disponível no próprio museu da costura na área interna do polo, sendo assim essas mulheres como outras diversas, firmaram o comércio das produções em frente a suas casas, especificamente na Rua Siqueira Campos. O trabalho das costureiras é composto por turnos fatigantes nas máquinas de costura, mas além disso, elas ainda enfrentam um segundo turno, o de dona de casa, mãe, esposa e responsável geral pelo bem estar da família.

Assim, com a crescente chegada de toneladas de retalhos trazidas de São Paulo, houve uma intensificação na fabricação de confecções populares de baixa qualidade que, a partir de 1979, começa a configurar a “Feira da Sulanca”, como instituição independente da feira livre. Foi a iniciativa de costureiras, ao apresentarem as primeiras colchas de retalhos nas calçadas de ruas de Santa Cruz do Capibaribe, especialmente na Rua Siqueira Campos e Rua Raimundo Francelino Aragão (“Rua do Pátio”), que despertou o mesmo exemplo para outras mulheres.⁴⁰

Frente a todo esse avanço que Santa Cruz e seus polos obtiveram, fez com que também se permeassem problemáticas intangíveis seja da alta evasão escolar de crianças e adolescentes que estampam as fábricas e facções ainda irregulares ou com regimentos especiais de trabalho em meio horário, devido a sua complexa teia de terceirização e

39 Conhecida popularmente por ‘Dona Petinha’, ela é uma das mulheres que deram origem às feiras de confecções em Santa Cruz do Capibaribe, na década de 60.

40 **CAMPELLO, G. M. da C. A atividade de confecções e a produção do espaço em Santa Cruz do Capibaribe.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

informalidades, dentro desse espectro também encontra-se a *dialética*⁴¹ feminina do município, ao passo que batalham pelo sustento, são vistas também como as mantedoras e zeladoras do lar, tendo em vista, que apesar do arcabouço financeiro, possibilitar a posição da mulher economicamente bem sucedida, por si só, não permite uma emancipação forte e contundente da mulher independência essa que se entende de tal forma como descreve a autora Joice Berth.

No capítulo, "Breve Histórico da Palavra Empoderamento" da autora Joice Berth, no livro que já falamos anteriormente, "Empoderamento",⁴² nessa fase se propõe a investigar a evolução do conceito de que nomeia o livro ao longo do tempo e seu uso na sociedade atual, para se entender melhor o conceito de emancipação como forma de empoderamento do qual fala-se no presente trabalho. Abordando assim desde a origem da palavra até as suas aplicações práticas nas políticas públicas e nas relações interpessoais, onde a autora apresenta a origem da palavra empoderamento, que tem suas raízes no inglês "empowerment", e significa conceder poder, autoridade ou capacidade para que as pessoas possam tomar decisões que afetam suas próprias vidas. A autora destaca a importância da palavra para as lutas feministas e para a promoção da igualdade de gênero, já que o empoderamento das mulheres é fundamental para a conquista de direitos e a transformação da sociedade.

Berth aborda a evolução do conceito de empoderamento ao longo do tempo, destacando as abordagens que sofreram ao longo dos anos. A autora faz uma análise dessas abordagens, busca suas limitações e propondo uma visão mais abrangente da emancipação, que leva em consideração as questões de gênero, raça, classe social e outros fatores que afetam a capacidade das pessoas de tomar decisões sobre suas vidas. Discutindo o papel do empoderamento nas políticas públicas e no desenvolvimento social. Ela destaca a importância de políticas que promovem a participação cidadã e o fortalecimento das comunidades, e argumenta que o autonomia das mulheres é uma ferramenta fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Joice também aborda a importância do empoderamento nas relações interpessoais, especialmente nas relações de poder entre homens e mulheres. A autora discute a

41 Oposição, conflito originado pela contradição entre princípios teóricos ou fenômenos empíricos.

42 **BERTH**, Joice. Empoderamento: Breve histórico da palavra empoderamento. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro)

necessidade de uma mudança de mentalidade e comportamento, que promova o respeito mútuo e a igualdade de direitos entre os gêneros.

Por fim, no último capítulo, a autora faz uma reflexão sobre os desafios que ainda precisam ser superados para que o empoderamento se torne uma realidade para todas as pessoas. Ela destaca a importância de continuar lutando pela igualdade de gênero e pela promoção dos direitos humanos, e argumenta que o empoderamento é uma ferramenta essencial para alcançar esses objetivos.

No campo econômico, através do seu trabalho na confecção têxtil muitas mulheres santa-cruzenses conquistaram autonomia financeira. Historicamente, a luta das mulheres por participação feminina na política as fez conquistar também o espaço público. Tais avanços não foram suficientes para assegurar, na prática, que fossem tratadas com igualdade em relação aos homens. No que se refere a esta questão, a sua posição é marcada por permanente busca, para não sofrerem discriminação devido ao seu sexo e/ou gênero. Algo que está escrito na Constituição brasileira de 1988⁴³, portanto direito juridicamente adquirido, porém que socialmente não está sendo cumprido.

Foram essas mulheres que estamparam grandes quadros atualmente, nos quais homens, donos de grandes marcas comandam os nomeados fabricos, empresas de alto porte produtivo, fato esse observado no cotidiano. Para as mulheres, no entanto, além do trabalho nas máquinas de costura que percorrem dos overloques⁴⁴ às galoneiras⁴⁵, ficam encarregadas também em lidar com a dinâmica do lar, afazeres que, juntos, são conhecidos como “tarefas domésticas” cozinhar, lavar a louça, lavar a roupa, arrumar a cama, varrer e limpar a casa, ir às compras etc. Atividades essas que de acordo com o IBGE notícias, consomem, em média 10,4 horas semanais por parte das mulheres a mais que dos homens⁴⁶.

A construção dessa mulher perdurou durante anos, com o agitado vigor comercial que se eclodiu em Santa Cruz do Capibaribe, precisando de mão-de-obra, o modelo produtivo que permanece até os dias atuais com jornadas intermitentes, se assimilam com a empregada descrita pela Michelle Perrot no período da década de 90 com jornadas de trabalho sem

⁴³ Art. 3º, IV da Constituição Federal, proibir-se, também, a diferença de salário, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor, estado civil ou posse de deficiência (art. 7º, XXX e XXXI).”

⁴⁴ A máquina de costura overloque tem função principal o fechamento da peça, entre dois punhais para que o tecido estique e retorne sem romper o fio.

⁴⁵ A máquina de costura galoneira é voltada para trabalhos como bainhas, colaretos, golas, barras, aplicações de viés e rebatimento de elástico, bastante utilizando no município, também conhecida como goleira.

⁴⁶ Mulheres dedicam mais tempo que os homens a tarefas domésticas. Agência de Notícias IBGE, 2013. Disponível em: <https://www.agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas> Acesso em:

descanso, sem finais de semana, em uma relação com seus patrões que perpassam a condição de salário e acordo trabalhista, sendo requisitada em seu tempo interino, que tanto se assemelha ao cotidiano da mulher santa-cruzense atualmente, visto que as feiras aos finais de semana fazem com que a costureira não pare nos períodos de altas temporadas.

Sua jornada de trabalho é quase ilimitada. O domingo não é garantido como folga, mesmo quando a prática se torna mais frequente. Além de seu tempo e de sua força de trabalho, sua pessoa e seu corpo são requisitados, numa relação pessoal que ultrapassa o compromisso salarial.⁴⁷

Estando, assim, intrinsecamente ligada ao papel descrito pela historiadora Margareth Rago⁴⁸, o qual a mulher é projetada ao âmbito familiar, mesmo no caso particular de Santa Cruz de Capibaribe, em que além de lidar com esse aspecto, por vezes sustenta também sua própria marca ou facção. Mesmo presente em um ambiente que permite tal ascensão econômica da mulher, que poderia projetar sua emancipação em um sistema capitalista no qual não houvesse dependência de terceiros para sua sobrevivência. Nota-se, então, que a construção moral se perpetua, e torna-se presente no município, da mulher com sua independência velada aos moldes dessa construção social.

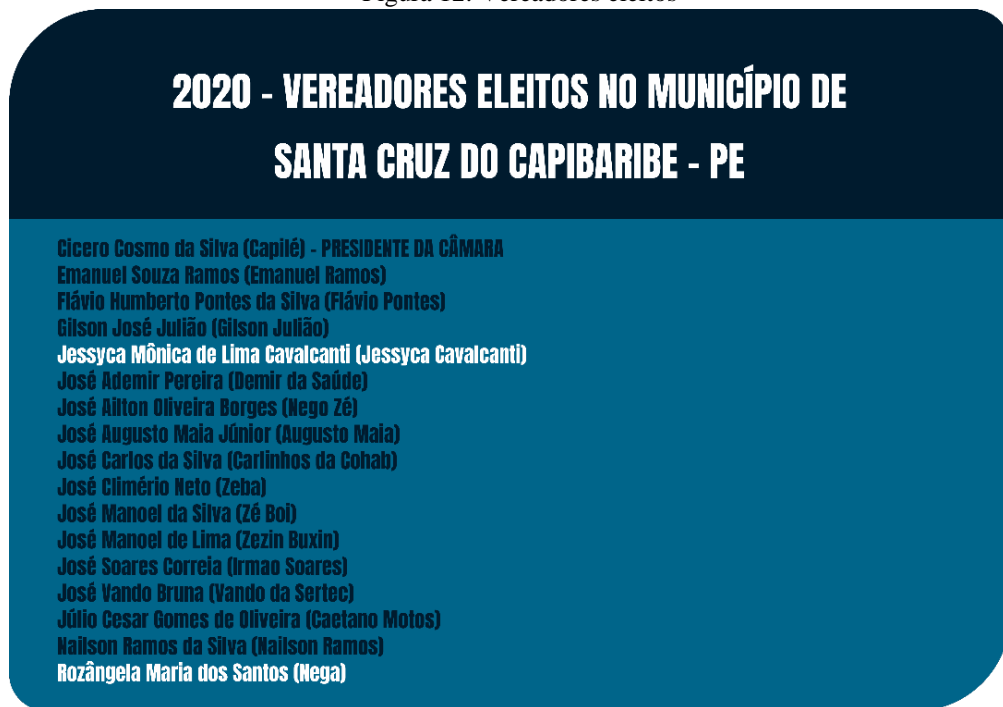
Portanto a batalha não cerceia apenas reivindicar melhores condições para o coletivo geral que estão presentes entre os fabricos, as facções e as fábricas, mas como a mulher se enxerga e como são vistas nesse âmbito e na sociedade como um todo, no qual fica a representatividade feminina frente as forças políticas, expresso no exemplo prático do cotidiano o papel de atuação Câmara de Vereadores do município, na qual apenas duas representantes da figura feminina na cidade foram eleitas, a Jessyca Mônica e a Rozângela Maria, onde de acordo com o site da Câmara de Vereadores⁴⁹ de Santa Cruz do Capibaribe, nenhum projeto foi proposto pensado exclusivamente nas condições das costureiras do município, no ano de 2021, até o último dado apurado até a data de 26 de Janeiro de 2023, nem por parte dos vereadores, ou pelas vereadoras, que representariam tal movimento dentro dos processos políticos, abaixo (figura 12) se instaura a lista de candidatos eleitos pelo município para representar suas causas e a observável discrepância entre os poderes masculino e feminino.

⁴⁷ **PERROT, Michelle. Minha história das mulheres:** O trabalho das mulheres. Pág. 117. São Paulo: Contexto, 2007.

⁴⁸ **RAGO, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

⁴⁹ <https://www.camarasantacruzdocapibaribe.pe.gov.br/projetosres.htm#2021>

Figura 12: Vereadores eleitos



Fonte: Câmara de Vereadores de Santa Cruz do Capibaribe - PE, 2022

Fica claro que as políticas públicas municipais e estaduais que por vezes não são instauradas e consolidadas, que permitam abarcar atingindo efetivamente o público feminino, visto o teor da importância das costureiras para o estado como um todo, tecendo assim projetos ainda mais categóricos.

A obra da autora Joice Berth (2019), pontua essa questão mais necessariamente no capítulo "Acesso a negociação de participação social: um debate sobre democracia e empoderamento",⁵⁰ onde tem como objetivo principal discutir e analisar o papel de negociação de participação social na democracia e no empoderamento das mulheres na sociedade.

Apresentando uma visão geral sobre o conceito de democracia e como a participação social pode fortalecê-la. A autora argumenta que a democracia deve ser vista como um processo contínuo e dinâmico, que requer a participação ativa dos cidadãos para funcionar com os mesmos, abordando assim o conceito de empoderamento e sua relação com a participação social. Joice defende que a participação social pode ser vista como um meio de empoderar os indivíduos, permitindo-lhes ter mais controle sobre suas vidas e

⁵⁰ **BERTH**, Joice. Empoderamento: Acesso a negociação de participação social: um debate sobre democracia e empoderamento. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

influenciar as decisões que fizeram sua comunidade, mostrando os diferentes mecanismos de participação social que existem, tais como audiências públicas, orçamento participativo, conselhos municipais, entre outros. Berth discute as vantagens e proteção de cada um desses controles, bem como sua eficácia na promoção da participação social e do empoderamento.

Ainda na mesma discussão, a autora argumenta que a contribuição social é essencial para garantir que as políticas públicas sejam relevantes e eficazes, atendendo às necessidades e demandas dos cidadãos, discutindo os desafios que ainda existem na promoção da participação e do empoderamento. Destacando a necessidade de superar as barreiras culturais e institucionais que muitas vezes impedem a participação social, bem como a importância de ampliar o acesso aos controles de participação social para garantir que todos os cidadãos possam exercer sua cidadania plenamente.

No geral, a obra torna-se importante e atual para quem busca entender o papel da participação social na democracia e na promoção de autonomia das mulheres. Com uma abordagem teórica e prática, a autora apresenta um panorama abrangente dos desafios e possibilidades da participação social nos dias de hoje, assim como medidas de iniciativas das próprias mulheres santa-cruzense tornaram esse acontecimento possível para com a participação das mesmas.

Alguns acontecimentos de fato mensurando algumas reuniões ou eventos⁵¹ que reúnem o público, apesar de importante não tornou-se algo eficaz, por atender apenas uma data específica, sendo assim para preencher essas lacunas surgiram iniciativas de mulheres que vivenciaram e vivenciam, além da costura, também uma ativa voz política, iniciando assim o “Coletivo Mulheres do Polo”, com as fundadoras à frente do projeto, dentre elas a Cida Anjos⁵² e Virgínia⁵³, além das mesmas acompanham outras grandes personalidades da costura que dão corpo ao movimento, buscando através da iniciativa proporcionar uma ideia de conjunto e de abrigo, que por meio de lutas e trabalhos dignos, as mulheres tenham acesso à direitos e emancipação econômica, para que assim penetrem esses ambientes

51 Aconteceu no Espaço Cultural Maria Aparecida Feitosa Ramos, localizado na Fundação Padre Zuzinha, em Santa Cruz do Capibaribe, a IV Conferência Municipal de Políticas Públicas para as mulheres. O evento é uma organização da Secretaria de Governo e Desenvolvimento Social, através da Coordenadoria da Mulher.

52 No Coletivo ela é responsável pela articulação das costureiras e pelas ações coletivas do grupo. É costureira, líder comunitária, militante da causa feminista e ativista das causas populares.

53 Ela é responsável pela articulação institucional e pela elaboração dos nossos projetos. Já foi costureira e hoje é Professora, Pesquisadora do Polo e Empreendedora Social. E formada em Economia, Mestre em Administração e Doutoranda em Ciências Sociais.

socioculturais, defendendo a valorização das costureiras como condição necessária para o empenho em melhorias para o setor das costureiras santa-cruzenses

O que também nos liga ao movimento Colabora Moda Sustentável, atuando desde 2017, para articular a mudança de um dos principais setores da economia brasileira, que tem entre seus membros os principais produtores, indústrias, marcas, varejistas, associações setoriais, formadores de opinião, costureiras e lideranças do país que buscam promover mudanças de cultura, influenciar políticas públicas, construir novas narrativas e criar soluções concretas em prol de uma moda brasileira ética, fazendo com o que se desenvolvam melhores modelos de negócio para uma cadeia mais completa, com menos riscos, maior desenvolvimento da indústria da moda, têxtil e acessórios, podendo promover um ambiente de competitividade saudável, garantir direitos e oferecer melhores condições de trabalho para todos os trabalhadores, diretos ou indiretos, possibilitando uma maior qualificação e profissionalização, incentivando práticas que reduzam a informalidade e tragam segurança social e ambiental a todos.

Além do mais também existe o “Projeto Agrestinas”, iniciativa que busca profissionalizar mulheres costureiras do agreste pernambucano utilizando o design como ferramenta de transformação social. Com o apoio da Lei Aldir Blanc⁵⁴ Pernambuco fundamentaram uma cartilha que fora desenvolvida com conteúdos básicos para auxiliar essas mulheres no processo de profissionalização, que permeiam desde a abertura de um MEI (Micro empreendedor individual) até aparatos tecnológicos para ajudarem a desenvolver ainda mais o setor, envolto e desenvolvido pelas idealizadoras Aline Paiva, Ysabel Costa, Débora Teixeira e a Thaís Braga, oportunizando assim um suporte para as mulheres costureiras do agreste pernambucano.

Esse retrato por mais que tenhamos avançado nos últimos anos, ainda se atém a mulher, por permanecer moral e socialmente “inferior” ao homem, mesmo que boa parte das vezes, a mulher quem é responsável por definir os aspectos da produção, costura e acabamento de todo o arcabouço da confecção, mantendo-se assim através do trabalho dessas mulheres.

Ao homem, esposo, irmão, filho, coube o reconhecimento, a negociação e o trabalho intelectual. A mulher cabe o trabalho prático, manual, artesanal. Em tese, a prática da definição do lugar, dedicou-se o papel das tarefas fora do ambiente doméstico ao homem, seja

54 Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020 a chamada Lei Aldir Blanc dispõe de ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública

de ir ao Moda Center, ou o processo de levar e trazer a produção para as diferentes etapas de confecção: serigrafia, bordado, acabamento das peças, etc. Evidenciando assim a discussão do ambiente familiar como “naturalmente” reservado à mulher, necessitando dos cuidados da dona de casa, esposa e mãe, na historiográfica santa-cruzense, nas figuras 13, a seguir é possível observar a faceta das mulheres a qual deram força ao projeto na cidade, senhoras e moças essas que deram um nome, um ramo e um esboço de qual caminho tomaria a cidade, através de suas costuras e disponibilidade para vender as mercadorias em frente a suas casas na gênese do produto comercial santa-cruzense, além da costura, (figura 14) seus tratos com o comércio diretamente após a produção.

Figura 13: Costureiras e vendedoras na Feira de Sulanca



Fonte: Acervo pessoal Arnaldo Vitorino

Figura 14: Costureiras em fabrico



Fonte: Acervo pessoal Arnaldo Viturino

Não é o caso dos que vivenciaram tal período de ascensão da Feira, não reconheçam o protagonismo feminino. Trata-se de, seguindo silenciosamente as “leis naturais”, essa versão está fadada ao esquecimento, e os homens a se assenhorem da situação. Enredo imbricado no discurso de Rousseau, utilizado no *Émile*, como destacado por Rago⁵⁵, onde descreve, justificar o destino da mulher, do seu lugar de desenhar, bordar, cozinhar, e não de se meter nos negócios públicos.

Ficando evidente na passagem, o apelo ao homem dominador e dita a palavra final. Assim também se observam no âmbito de Santa Cruz que poucas são as mulheres percebidas socialmente por seus feitos ou seu renome. Enquanto os homens, representam poder, liberdade, e sempre atuam com a razão, no lugar de quem sabe fato negociar. Deste modo, a mulher figura sempre envolta de um cônjuge masculino (também pai, irmão, filho...) para que se afirme a concretização de sua empresa ou negócio.

Frente a isso podemos observar um contexto latente no Brasil, assim como no município, a divisão sexual do trabalho, uma prática social que coloca homens e mulheres em diferentes papéis no mercado de trabalho e na vida doméstica. Enquanto os homens são tradicionalmente associados à esfera pública, como a política e o trabalho remunerado, as mulheres são relegadas à esfera privada, como a casa e a família.

⁵⁵ Rousseau, *Émile*, pag. 27 Apud. RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Como explicitado pela autora Flávia Biroli em sua obra "Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil"⁵⁶, onde apresenta uma análise crítica da desigualdade de gênero na sociedade brasileira e como isso afetou a democracia no país. Essa divisão sexual do trabalho é mantida por meio de estereótipos de gênero, que afirmam que as mulheres são mais adequadas para atividades domésticas e cuidado dos filhos, enquanto os homens são mais adequados para atividades que exigem maior habilidade técnica e intelectual. Essa ideia é perpetuada pelo meio da educação, dos meios de comunicação e dos discursos sociais.

Essa divisão sexual do trabalho traz consequências negativas para a democracia no Brasil. Em primeiro lugar, ela impede que as mulheres participem plenamente da vida pública, uma vez que as atividades políticas são vistas como "coisas de homens". Isso faz com que as mulheres sejam sub-representadas em todos os níveis de poder, desde a política local até a presidência da República. Além disso, a divisão sexual do trabalho também impede que as mulheres tenham acesso a empregos remunerados de qualidade e que sejam valorizados. Como as mulheres são vistas como responsáveis pelos cuidados da casa e da família, muitas vezes são relegadas a trabalhos precários, mal remunerados e sem proteção social. Isso perpetua a desigualdade de gênero e a pobreza feminina.

Para enfrentar essa divisão sexual do trabalho, é necessário adotar políticas públicas que promovam a igualdade de gênero. Isso inclui medidas que incentivam a participação política das mulheres, a igualdade salarial, a garantia dos direitos trabalhistas e a promoção da igualdade de oportunidades na educação.

Desse modo, a divisão sexual do trabalho é uma prática social que perpetua a desigualdade de gênero e que limita a evolução da democracia no Brasil. É necessário adotar políticas públicas que promovam a igualdade de gênero e que garantam a plena participação das mulheres na vida pública e no mercado de trabalho. Somente assim será possível construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

A emancipação das mulheres acontece gradualmente, a medida em que seu acesso a espaços que possibilitem esse debate oportunizem a construção de uma consciência crítica, por meio da educação, que acabe com essas amarras impostas sutilmente às mulheres costureiras do agreste pernambucano, um processo que como vimos, vem acontecendo de forma gradual durante muitos anos, a pequenos passos e conquistas, lutas diárias das mesmas tornando essa emancipação cada vez mais plausível.

⁵⁶ BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades: limites da Democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

O apego ao imaginário da mulher dona de casa permeia gerações e se reafirma desde o seu nascimento, da sua condição e classe social, em especial a dona de casa que mais se assemelha a realidade de Santa Cruz, a mulher dona de casa operária, a qual era preferível que se empenhasse em casa além do seu turno como trabalhadora operária, onde seria médica, administraria as finanças, cuidadora e zeladora do lar, para que funcionasse em harmonia, além do seu turno como costureira. Como descreve a Michelle Perrot (2007) em sua passagem, assim como a mulher costureira expressa na obra, o processo também se permeia no município de Santa Cruz, as máquinas de marca Singer (figura 15), eram classificação de ascensão social, algumas se perpetuaram até hoje como símbolo da costura santa-cruzense.

Ela teria alugado ou comprado uma máquina de costura, uma Singer, para trabalhar em domicílio para uma indústria da confecção. Essa é a chave de um sweating system, sistema do suor, extenuante para as mulheres e combatido pelas feministas e pelos reformadores por volta de 1900⁵⁷

Figura 15: Máquina Reta Singer



MÁQUINA RETA SINGER DE PROPRIEDADE DA SALVINA MOURA
 FONTE: ACRIVO PESSOAL GEORGE TENÓRIO

Fonte: Acervo pessoal George Tenório, 2022.

O sociólogo Jean Claude Kaufman (2005), estudioso do ambiente doméstico, também descreve realidades que ao analisarmos frente ao cenário do município, observamos a praxe no cotidiano, juntamente com a resistência do homem aos deveres do lar, ficando reservada como atividade única e exclusiva das mulheres, algo pontuado a partir do estudo dos gêneros, que permite dizer que são valores e construções fixadas no tempo como características passada de mãe para filha, para além de sua exaustiva jornada na máquina de costura.

⁵⁷ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**: O trabalho das mulheres. Pág. 116. São Paulo: Contexto, 2007.

A resistência masculina à tarefa de passar roupa e a muitas outras, assim como a persistência da repartição dos papéis sexuais no teatro cotidiano. Há aí uma estrutura de longa data, material e mental, que desafia a história.⁵⁸

Esse tom da qualificação pouco formalizada, passada de geração em geração recobre o fato da subqualificação feminina, que justificaria os baixos salários e as péssimas condições de trabalho, em ambientes insalubres ou em suas próprias residências, onde lidariam com o trabalho e todas as responsabilidades do lar dedicadas historicamente a elas. Perrot (2007, p. 116) também evidencia esse processo nas fábricas nos anos de 1900.

É um trabalho pouco qualificado, monótono, reduzido a gestos simples e repetitivos [...] As jornadas são muito longas: até 14 horas no começo da industrialização, 10 horas por volta de 1900. Havia poucas pausas. Os locais são desconfortáveis, mal arejados, mal aquecidos ou superaquecidos, sem espaços livres: sem refeitórios, as operárias comem sua marmita no local de trabalho entre os teares cheios de graxa; não havia vestiários; ir ao toailete é um problema, pois se pensa que elas vão para lá para fumar, tagarelar e perder tempo.”⁵⁹

Esse processo da condição em que se encontram as mulheres do município também pode estar ligado à baixíssima articulação entre as mulheres costureiras em conjunto com os sindicatos de classe. Responsáveis por mobilizar locais de debates, que aflorassem a necessidade de uma atuação mais “a mostra” das mulheres, que valorize o seu importante empenho para o sucesso da Feira da Sulanca, e para a sociedade santa-cruzensense. A baixa articulação da classe e do acesso a espaços decisórios na escala de produção fez com que seu papel fosse sendo ofuscado de forma sutil. Como se, para se chegar à conclusão, não houvesse mulheres com histórias, atuação e força na concretização de tudo que se expõe em diversas vitrines da cidade.

Desse modo, vencendo a passos curtos, essa criação do homem como figura negociante, trazendo mulheres e personalidades à frente das redes sociais, tendo agora voz e vez de se destacar no pleito santa-cruzensense, processo encarado de forma vagarosa ao caminhar que muitas mulheres ainda se encontram enclausuradas ou ocupadas demais em suas jornadas intermitentes para acessar consultorias, aprendizados ou recursos, que ao serem questionadas, as costureiras sequer sabiam da existência de tais ferramentas, ou até mesmo se cuidar e cuidar de si mesma, da estética e tudo que lhe tornaria mais confiante da sua capacidade, pois como destaca a autora Joice Berth a relação entre estética e afetividade é uma temática cada

⁵⁸ **CLAUDE**, Jean Kaufmann, *La Trame conjugate. Analyse du couple par son linge*, Paris, 2005. apud **PERROT**, Michelle. *Minha história das mulheres: O trabalho das mulheres*. Pág. 116. São Paulo: Contexto, 2007.

⁵⁹ **PERROT**, Michelle. *Minha história das mulheres: O trabalho das mulheres*. Pág. 120. São Paulo: Contexto, 2007.

vez mais relevante na contemporaneidade. Nesse sentido, a obra da escritora Joice Berth se destaca por trazer contribuições importantes para a compreensão do empoderamento feminino através do cuidado com a aparência e da valorização da estética como expressão da subjetividade.

De acordo com Berth, a relação entre estética e afetividade pode ser compreendida a partir da ideia de que cuidar da aparência é uma forma de expressão da identidade e da autoestima.⁶⁰ A autora argumenta que, ao se sentir bonita e cuidada, a mulher se empodera e se sente mais confiante para enfrentar os desafios do dia a dia, nesse sentido, defende que a estética não deve ser vista como algo superficial ou fútil, mas sim como uma forma de expressão da subjetividade e da individualidade. A beleza não é um padrão a ser seguido, mas sim uma construção pessoal que deve refletir a personalidade e as escolhas de cada mulher.

Além disso, a autora destaca a importância do cuidado com o corpo e a mente como forma de valorização da autoestima e do bem-estar emocional. Para a autora, o autocuidado é fundamental para a saúde física e mental, e deve ser encarado como uma forma de amor próprio e de empoderamento. Porém ela ressalta que a emancipação feminina não se resume ao cuidado com a aparência, pontuando a importância da educação, da participação política e da luta por direitos igualitários como formas de alcançar a igualdade de gênero e o fortalecimento das mulheres na sociedade.

Portanto, contribuindo para uma compreensão mais ampla da relação entre estética e afetividade, destacando a importância do cuidado com a aparência como forma de preservação da identidade e da autoestima feminina, mas sem reduzir o empoderamento feminino a apenas essa dimensão.

Desta forma é nítido o caminho a ser percorrido para que se possa criar uma base consistente que permita desde a efetivação de mulheres em condições trabalhistas mais dignas, para que assim subsidiem-se ambientes propícios ao debate que discorram acerca de tais problemáticas, que além de tudo, seja consistente em sua atuação, não apenas em datas específicas, como relata costureira Gilmara Maria de Souza Costa, de Santa Cruz do Capibaribe em entrevista ao jornal Carta Capital

⁶⁰ **BERTH**, Joice. Empoderamento: Estética e afetividade: noções de empoderamento São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

Desejo que nós, costureiras, possamos ser mais vistas, ter mais direitos. Falando da minha região, nós temos o maquinário e trabalhamos em casa. Então, tudo por nossa conta... energia, equipamentos. Não temos férias, décimo terceiro, ou algum direito trabalhista. Temos o valor que é combinado quando a pessoa vem trazer a peça. Na maioria das vezes, aceitamos esse valor, não por ser preço justo, mas porque se não pegarmos, podemos passar necessidade. Eu mais desejo do que parabenizo. Desejo que as pessoas comecem a se importar e a saber qual a origem da roupa que elas usam. Se isso acontecer, automaticamente vai mudar muito a vida de nós, costureiras.⁶¹

Para que assim posteriormente esse suporte as mulheres costureiras ainda continuem a existir, seja por meio de medidas administrativas por órgãos públicos, como também de redes privadas das grandes empresas que permeiam e lucram no solo do município, até propostas de coletivos pelas próprias atuantes na cena.

Entender a transformação do município efetivada com a emergência da Feira da Sulanca parece, então, fundamental para compreender a situação em que se encontram as santa-cruzenses. Como, mesmo em um ambiente tão adverso e permeado por uma cultura machista, as mulheres conseguiram participar de tamanha mudança social? Por que, uma vez alcançada a autonomia financeira, estas continuam socialmente pouco presentes no debate público? Seria a militância político partidária a única forma de lutar por seus direitos? Como explicar esta posição ambivalente em que a mulher é tida como fundamental à sociedade em que está inserida e, ao mesmo tempo, relegada a posição de coadjuvante⁶²? Mesmo no caso local, no qual foram as mulheres que tiveram a maior participação historicamente na produção têxtil que alavancou a economia, de modo que para reconhecer o papel histórico das mulheres na sociedade santa-cruzense não podemos simplesmente fazer-lhes uma *menção honrosa* em discursos vagos que não são seguidos por atitudes que visem a sua real valorização. Ainda mais, este papel histórico possibilitou-lhe uma melhor condição de vida após a Feira? Em que aspectos? A mulher que protagonizou o processo que muda a dinâmica social da cidade pode, em primeiro momento, ser enxergada como emancipada, mas, a emancipação financeira é suficiente para que a mulher alcance a merecida igualdade social? Estas são algumas inquietações que instigaram a pesquisa.

Tomou-se como base a obra *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930* (1985), da Historiadora Margareth Rago. Para associar com a realidade do município tomamos como base o capítulo 02 do texto: *A colonização da Mulher*, no qual a autora discute o cenário nacional brasileiro no final do século XIX e início do século XX, com

⁶¹ **MARIA**, Gilmara de Souza Costa, FASHION REVOLUTION, Jornal Carta Capital. 2021
⁶² Ibidem, p. 65.

ênfase no processo de industrialização, e neste, de disciplinarização dos corpos e mentes da população brasileira segundo moldes baseados nos valores da cultura burguesa, para compreender como se deu a construção de um ideal feminino para a mulher brasileira e observar como este processo influenciou no fenômeno local da Feira da Sulanca.

De acordo com o capítulo, com a crescente industrialização brasileira, decididamente não é mais possível manter os padrões de vida estabelecidos no modelo aristocrático⁶³. As elites brasileiras, conscientes de que não poderiam negligenciar tantas demandas simultaneamente, sob pena de terem seus privilégios tomados por revoluções sociais. Põem-se, então, a pensar sobre quais meios utilizar para fazer concessões, e assim conter o ímpeto dos movimentos de negros, operários e das mulheres, de modo que preservassem seu lugar de poder.

Neste contexto, estão situadas as análises de Rago (1985), do qual parte para descrever como as mulheres foram decisivas em diversas esferas de luta, o que entendemos também ser o caso santa-cruzensense para questionar as causas do esquecimento acerca deste fato. O que, ressalta autora, ocorre não por falta de participação feminina, mas por incompreensão, ou deliberada inviabilização, dos modos de luta das mulheres pela historiografia brasileira⁶⁴.

Destaca como o *lar* é o ambiente destinado à mulher na sociedade brasileira⁶⁵. Com o estabelecimento de uma “natural” relação entre o lar e a figura feminina gestou-se a imagem da “esposa-mãe-dona-de-casa” enquanto ideal para a mulher. O exemplo máximo, ideal a ser buscado por todas, seria Maria (que agrega também a questão da religiosidade) por seu perfil de alma e sacrifício em prol da família. Já como oposto extremo, temos o perfil de Eva, carnal e egoísta, do qual as mulheres deveriam se afastar ou estariam condenadas a desmoralização pública. Como a atividade das mulheres em Santa Cruz inicialmente deu-se majoritariamente em suas próprias casas e calçadas, podemos entender como, mesmo circunscritas ao lar, puderam atuar economicamente.

Interessa, em especial a discussão em torno da mulher e do trabalho. De onde podemos encontrar algumas reflexões sobre a realidade de nosso município. Especialmente nas páginas iniciais do capítulo, Rago (1985) nos mostra como a inserção das mulheres no ambiente de trabalho constitui múltiplas lutas. Podemos citar a dupla ou tripla jornada, ao ter que mesmo

63 No caso brasileiro, ocorrem, por exemplo, a abolição da escravidão (1888), a proclamação da República (1889) e a massiva imigração europeia; dentre outras mudanças no tecido social. Estas, por sua vez, demandam reajustes na estrutura do país que contemplem o surgimento do povo enquanto agente político. Temos o trabalhador assalariado em lugar do escravizado, operários que passam a organizar sindicatos e reivindicar melhores condições de trabalho, e mesmo que de forma tímida e demorada, a democratização do acesso ao voto.

64 Ibid. P. 70-1.

65 Ibid. P. 62.

trabalhando, continuar sendo responsável pelos afazeres domésticos, e, quando fosse o caso, pelos cuidados com os filhos. E também, dupla ou tripla luta por melhores condições trabalho que atendessem especificamente à sua condição de mulher, já que, para tanto, além da resistência patronal, necessitavam vencer também a desconfiança/sabotagem dos próprios colegas operários.

De modo que suas lutas se inseriram em contextos específicos e talvez por isto, os meios encontrados para que fossem vitoriosas em suas reivindicações também diferissem dos tradicionais⁶⁶. Neste caso, especificamos a atuação fora da esfera político partidária, enquanto forma de resistência. Retomando a discussão sobre a atuação feminina no município de Santa Cruz do Capibaribe, já na segunda metade do século XX. Concordamos, então, que a luta feminina passa por conquistar mais que o direito civil a participar da vida pública.

Assim, a luta pela emancipação da mulher não passa pela reivindicação de aceder à esfera pública, simplesmente, mas é primeiramente uma questão de ordem moral: trata-se da necessidade de libertar-se do modelo burguês que lhe é imposto e de construir uma nova figura negadora daquela forjada pela representação burguesa e masculina.⁶⁷

Sendo necessária uma emancipação maior, de todo um aparato moral cuidadosamente engendrado para a circunscrever a esfera privada, ao lar⁶⁸, pois como afirma a Gilmara de Souza, que é costureira informal no polo de Santa Cruz do Capibaribe há cerca de 25 anos.

Nossa categoria já passava por muitos perrengues, mas nem as costureiras tinham noção do que passavam. Mas aí veio a pandemia e ficou muito crítica a situação e a gente entendeu que não tem como continuar dessa maneira. Temos que costurar e arranjar um tempinho para batalhar por uma melhoria no sentido coletivo da coisa, e não no individual⁶⁹

A realidade das mulheres Santa-cruzenses permaneceu em um padrão econômico próximo a pobreza extrema, o qual uma única fonte de renda não seria suficiente para sustentar a casa, devido a isso muitas mulheres enxergaram no amancebo uma forma de se driblar essa condição, aspecto interessante da qual a historiadora Claudia Fonseca (2004, p.35) pontua em sua obra por volta de 1900, que nos remete a essa condição do município “Mesmo os que moravam com seus companheiros procuravam alguma forma de renda para escapar a miséria que representava dependência exclusiva do salário masculino.”

⁶⁶ Ibid. P. 73.

⁶⁷ Ibid. P. 100.

⁶⁸ Ibid. P. 63.

⁶⁹ O que as costureiras têm a dizer no dia da costureira. Carta Capital, 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/o-que-as-costureiras-tem-a-dizer-no-dia-da-costureira>

Uma condição observável no contexto do município se concentra na possibilidade de mulheres trabalharem fora do âmbito doméstico, sendo vista com más olhos, essa busca pela independência. No contexto da obra, consideraria a mulher, uma ser “pública”, além de serem acusadas de serem péssimas mães e esposas, visto que o filho ficaria com os avós ou outras pessoas, alegando não receberem uma educação adequada.

As mulheres que trabalhavam nas tarefas caseiras tradicionalmente femininas, lavadeiras, engomadeiras, pareciam correr menos perigo moral do que as operárias industriais, mas mesmos nesses casos, sempre ameaçava acusação de serem mães relapsas. [...] Para a requerente trabalhar era necessário que o menor ficasse em casa da avó paterna ou outras pessoas, não recebendo assim uma educação como devia.⁷⁰

No entanto, esse modelo oficial de mulher resguardada ao lar, foi uma construção europeia, baseada nos valores de uma elite colonial de mulher focada aos afazeres domésticos, desse modo o servir ao lar fora uma característica exclusivamente burguesa, da qual a mulher pobre não usufruiria, sem ter sua imagem degradada. Deste modo, chegando ao impasse de trabalhar para sair da miséria e ser confundida com uma prostituta e definida como péssima no âmbito familiar, ou ceder a fome e a um mísero salário de seu esposo, assim estaria empregada uma moralidade social que não fora vivenciada nos guetos sociais pelas classes mais pobres.

Para se aproximar desse discurso entre as classes, discursos de gênero e representatividades na sociedade santa-cruzense podemos abordar o ensaio "Feminismo, Gênero e Representações Sociais"⁷¹ de Ângela Arruda, se dedica a analisar as questões de gênero e feminismo no contexto das representações sociais. A autora parte dos pressupostos de que as representações sociais, ou seja, as ideias, crenças e valores que circulam em determinada sociedade, são fundamentais para a construção das identidades e para a reprodução das desigualdades de gênero. Nesse sentido, Arruda busca compreender como as representações sociais de gênero são construídas e mantidas, bem como as representações espirituais para as mulheres. A autora também discute o papel do feminismo na desconstrução dessas representações e na luta por uma sociedade mais igualitária.

Discutindo as representações sociais de gênero e como elas são construídas e mantidas na sociedade, a mesma argumenta que as representações de gênero são

⁷⁰ **FONSECA, Claudia.** Ser **mulher, mãe e pobre.** In **PRIORE, MERY.** Dell (org).7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

⁷¹ **ARRUDA, Angela.** Feminismo, gênero e representações sociais. (org). **BUARQUE, Heloísa de Hollanda.** Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto, p. 366–384. Rio de Janeiro Bazar do Tempo, 2019.

construídas a partir de estereótipos e preconceitos que são transmitidos culturalmente de geração em geração.

Arruda também aborda como as representações sociais de gênero são mantidas através da linguagem e do discurso. A autora argumenta que as palavras que usamos para nos referirmos a homens e mulheres, por exemplo, são carregadas de significados que reforçam as desigualdades de gênero. Além disso, destaca o papel dos meios de comunicação na construção e manutenção das representações sociais de gênero. Pontuando o papel do feminismo na desconstrução das representações sociais de gênero. A autora argumenta que o feminismo é uma forma de resistência política e cultural que desafia as normas de gênero e busca promover a igualdade entre homens e mulheres.

Arruda também discute as diferentes correntes do feminismo e suas estratégias para desafiar as representações sociais de gênero, destacando a importância da desconstrução dos estereótipos de gênero e do combate ao sexismo e à misoginia como estratégias fundamentais para a promoção da igualdade de gênero.

Perspectiva que também podemos identificar na obra de Angela Arruda, é acerca da relação entre gênero e identidade. A autora argumenta que o gênero é uma dimensão central da identidade, e que as representações sociais de gênero têm um papel importante na construção. Além disso, Arruda destaca que a relação entre gênero e identidade é influenciada por fatores como raça, classe social, orientação sexual e deficiência. Esses fatores podem afetar a forma como as pessoas são percebidas pela sociedade e como elas se veem.

Angela Arruda defende que a epistemologia feminista surge como uma crítica à epistemologia tradicional, que historicamente excluiu as mulheres e suas experiências do processo de produção e validação do conhecimento. Segundo ela, a epistemologia feminista propõe a desnaturalização do conhecimento produzido a partir de uma perspectiva masculina e ocidental, e a construção de um conhecimento que leve em conta as experiências e perspectivas das mulheres e de outros grupos historicamente marginalizados.

Arruda argumenta que a epistemologia feminista se preocupa em destacar como as categorias que formam a base do conhecimento, tais como gênero, raça, classe social e orientação sexual, são socialmente construídas e variam de acordo com o contexto histórico e cultural. Além disso, a epistemologia feminista busca estabelecer novos critérios para a validação do conhecimento, que valorizam a diversidade e a pluralidade de

vozes e perspectivas, e que causam a criação de novos conhecimentos e saberes que levem em conta a complexidade da vida social.

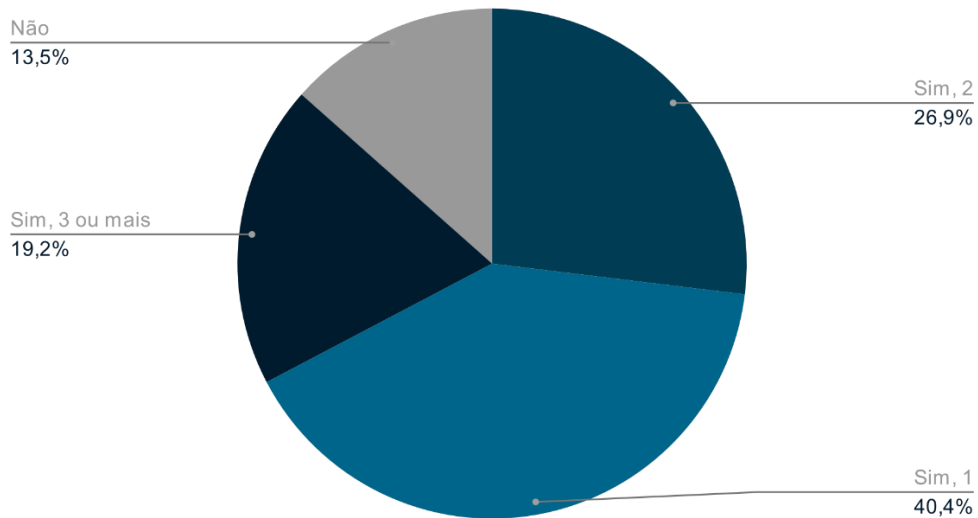
Portanto, para Angela Arruda, a epistemologia feminista é uma forma de luta política e teórica que busca superar as superiores e opressões presentes na produção e do conhecimento, e que valoriza a diversidade de perspectivas e saberes como uma forma de construir um mundo mais justo e igualitário.

Sendo assim também discute a importância de se reconhecer a diversidade de identidades de gênero e de se trabalhar para criar um ambiente social inclusivo e respeitoso para todas as pessoas. Isso envolve a desconstrução de estereótipos de gênero, a eliminação de detecção e violência atendida em gênero e a promoção de uma cultura de recepção e respeito à diversidade de identidades de gênero. No geral, pode-se perceber uma visão abrangente e compreensiva da relação entre gênero e identidade, destacando a complexidade dessa conexão e a importância de se trabalhar para criar uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Concluindo ainda em nossa pesquisa, com a coleta de dados de experiências de mulheres com faixa etária dos 15 aos 50 anos, obtendo cinquenta e duas respostas no geral, com um questionário montando com 14 questões, que pontuavam desde questões como a escolaridade, até o que o público achava da condição de uma mulher ainda não ter ocupado o posto da presidência do Moda Center Santa Cruz, com questões de escolhas únicas, por meio da plataforma do *Google Forms*, divulgada de forma geral para o público por meio das mídias digitais e em coletivos de costureiras em Santa Cruz do Capibaribe - PE.

As mesmas, buscaram indicar uma exposição da questão da costureira no agreste pernambucano, em um dos gráficos analisamos com os respondentes o quanto a costureira está presente em quase 90% dos lares santa-cruzenses, e como são independentes em suas ações apesar da crescente dos fabricos e fábricas, ao mesmo passo que fazem das suas casas extensões para abrigarem mais companheiras que irão ajudar na conclusão de mais alguma etapa do processo terceirizado, desse modo no gráfico seguinte (figura 16), podemos observar que em sua grande maioria os lares santa-cruzenses abrangem costureiras, quando apenas 13,5% das residências não contém profissionais do segmento.

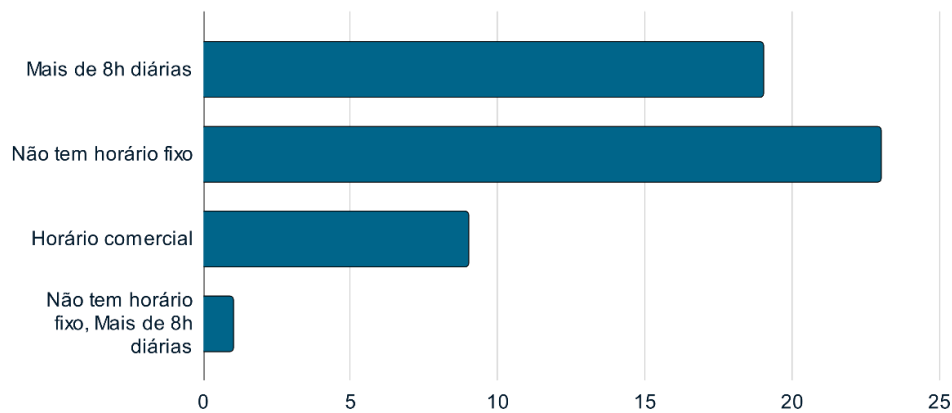
Figura 16: Quantidade de costureiras por casa
Em sua casa tem costureiras?



Fonte: Pesquisa elaborada por George Tenório, 2022

Nessa perspectiva, como já discutido anteriormente, a jornada de trabalho em Santa Cruz nunca foi algo pensado e elaborado para que atendesse uma qualidade de vida para as costureiras, visto que nas altas temporadas como descrito pelo site do empreendimento Moda Center, da segunda quinzena de maio até o final de junho percorre-se a primeira levada de grande fluxo de mercadorias compradas e distribuição, a próxima se até novembro e dezembro, onde com os compradores advindos de outras localidades precisam aproveitar o fluxo de Caruaru e Toritama, fazendo com as feiras aconteçam aos sábados, domingos e segundas, desse modo, não somente as costureiras, mas todo o ecossistema da cidade percorre a semana inteira, exaltando o frenesi para cumprir metas de pedidos e efetuar grandes vendas. Nesse processo estão abarcadas todas as problemáticas discutidas no decorrer desse capítulo, desse modo a população no geral já entende os “momentos santa-cruzense”, ou seja, seus modos operandi, como em nossa pesquisa evidenciou-se o trato com as jornadas ininterruptas, descrito na figura 17.

Figura 17: Horas trabalhadas por dia
 Quantas horas são trabalhadas por dia, no ramo
 da costura ou outros processos ligados a confecção?



Fonte: Pesquisa elaborada por George Tenório, 2022

Frente a esse processo de horas desarmonizadas de trabalho esbarramos na questão da escolaridade das costureiras da cidade, baseado ainda nas respostas podemos descrever o clima cotidiano, de vasta evasão escolar para fomentar trabalhos, seja para ajudar a família em casa, numa cidade apesar do seu teor de desenvolvimento como destaca o estudo da Urban Systems, o qual mostra as cidades brasileiras com proximidade de cem mil habitantes que despontam como modelos de desenvolvimento, divulgado pelo jornal Exame⁷², no qual Santa Cruz do Capibaribe, fica na vigésima quinta posição, de cinquenta e duas colocações, pontuando o agreste pernambucano.

Figura 18: Prosperidade Santa-cruzense

Cidade	Santa Cruz do Capibaribe (PE)
Nota (de 0 a 14)	4,544
População estimada ¹	101.485
PIB per capita (em reais) ²	8.336,88
Esperança de vida ao nascer (em anos)	73,35
Taxa de analfabetismo (em %) ³	16

(Reprodução/Google Maps)

Fonte: Pesquisa elaborada por Urban Systems, 2015

⁷² As 50 cidades pequenas mais desenvolvidas do Brasil. Exame, 2015. Disponível em: <https://exame.com/brasil/as-50-cidades-pequenas-mais-desenvolvidas-do-brasil/> Acesso em:

O desenvolvimento é constante e latente, mas para fomentar tal empreitada as costureiras e outros públicos precisaram abrir mão de certa medida de algum estágio da sua capacitação escolar ou acadêmica, para uma cidade que em sua grande maioria os âmbitos de aprendizagem são escolas de referência, ou seja, que exigem um aluno dedicado boa parte do seu dia para a formação o que é algo inviável para o concílio entre estudos e trabalho no horário posterior, também que não possui polos fixos de unidades presenciais para o ensino superior, obrigando que aqueles que queiram uma formação de tal teor tenham que percorrer grandes distâncias para regiões circunvizinhas, como Caruaru ou Campina Grande. Evidenciando-se assim que mesmo após anos, o cenário educacional das redes municipais e estaduais de zonas rurais e urbanas ainda permanecem com desfalques acerca dos abandonos escolares, de acordo com INEP nas figuras 19 e 20 podemos observar tal característica acerca do rendimento escolar de 2010 a 2021 muito se assemelha, com um avanço atual pouco expressivo.

Figura 19: Rendimento escolar 2010

Taxas de rendimento por etapa escolar

2010 Todas as escolas Total

	Reprovação	Abandono
Anos iniciais	7,0% 583 reprovações	0,7% 55 abandonos
Anos finais	12,5% 892 reprovações	6,4% 455 abandonos
Ensino médio	6,8% 234 reprovações	11,0% 375 abandonos

Fonte: INEP, acessado em 2022

Figura 20: Rendimento escolar 2021

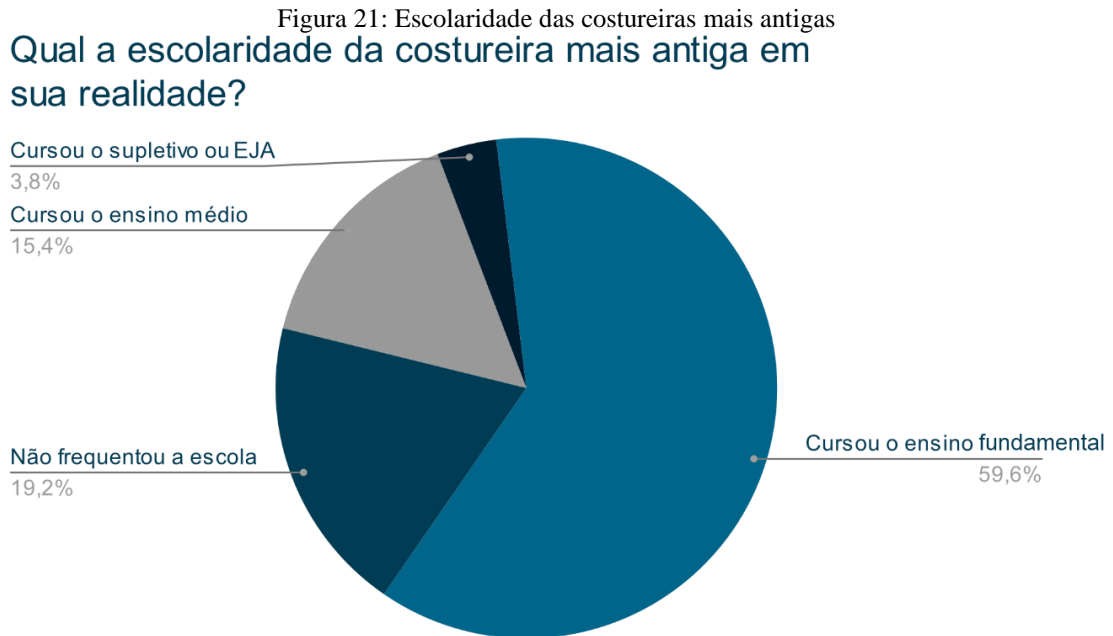
Taxas de rendimento por etapa escolar

2021 Todas as escolas Total

	Reprovação	Abandono
Anos iniciais	5,9% 469 reprovações	0,5% 43 abandonos
Anos finais	9,2% 621 reprovações	2,5% 170 abandonos
Ensino médio	10,6% 448 reprovações	2,8% 120 abandonos

Fonte: INEP, acessado em 2022

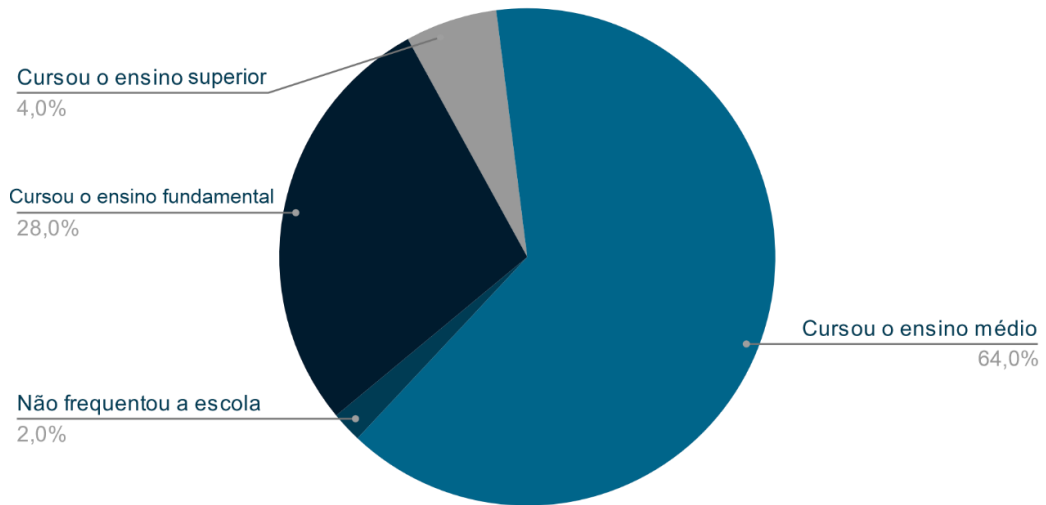
Em sua grande maioria a aprendizagem das costureiras do município evidenciam-se da tal forma apresentadas a seguir no gráfico da figura 21.



Fonte: Pesquisa elaborada por George Tenório, 2022

Percorrendo da costureira mais antiga para a mais jovem nos ambientes que elas ocupam, é perceptível no caso das mais antigas, que o difícil acesso e também em tempos mais remotos a escolaridade fora prejudicada, em sua grande maioria cursando o ensino fundamental, mas apenas uma parcela seguindo para o ensino médio, parcela menor do que daquelas que desistiram. Já no caso das costureiras mais novas, o gráfico que mostra que em sua grande parte as mesmas ascenderam ao ensino médio, mas pouquíssimas ao ensino superior, dada também a dificuldade de acesso no cenário da urbe, tornando evidente o ciclo de negligência para com os estudos e capacitações, visto o lugar socioeconômico da família, dos costumes, das condições financeiras que exigem o comprometimento para com ajuda na renda doméstica.

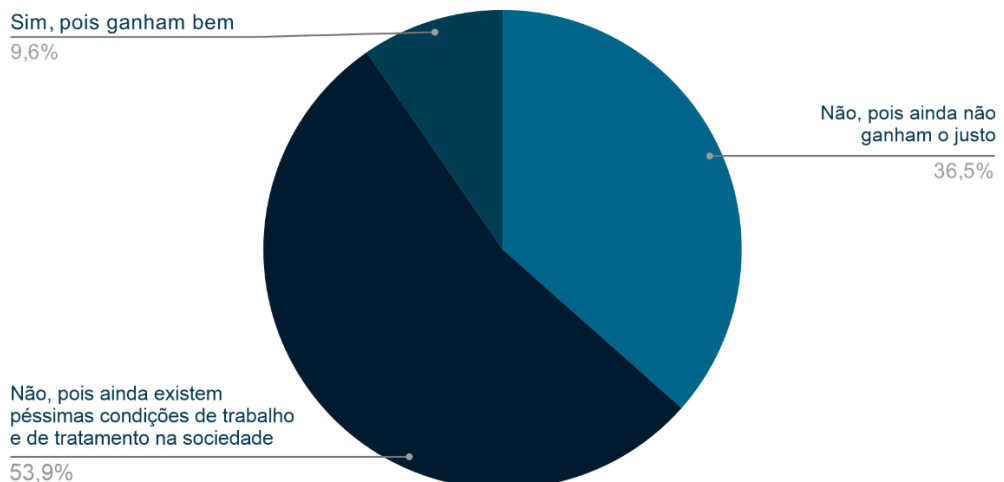
Figura 22: Escolaridade das costureiras mais novas
Qual a escolaridade da costureira mais nova em sua realidade?



Fonte: Pesquisa elaborada por George Tenório, 2022

Perpassando essa análise acerca dos empenhos escolares e das iniciativas que facilitem tal acesso das costureiras também se fez presente como as pessoas, em geral enxergavam a condição do status da mulher presente em sua sociedade, com o intuito de fazer o exercício de que as pessoas observassem suas vestimentas, seu entorno para responder tal questão desse modo (figura 23) questiona-se como a sociedade do município observa as costureiras que estão tão próximas de sua realidade no cotidiano, e se acham devidamente valorosa o lugar da costureira.

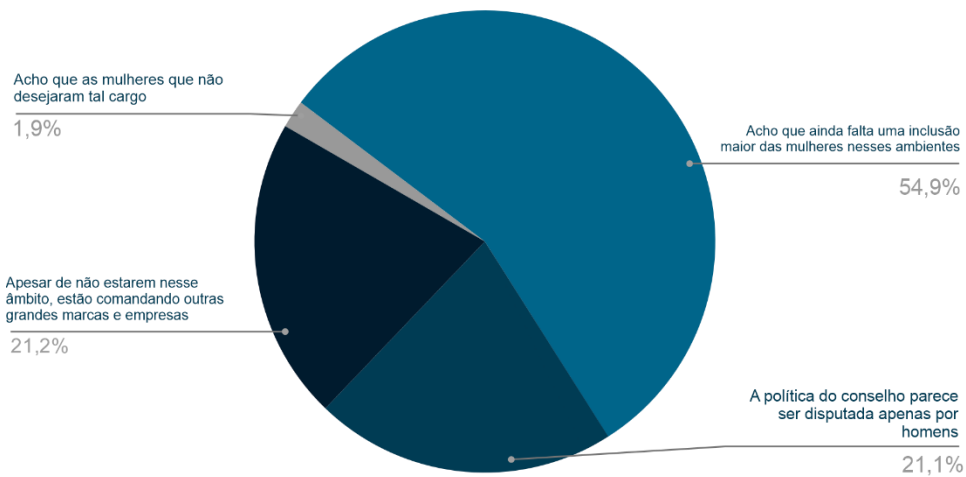
Figura 23: Valorização das costureiras
Você acha que as costureiras são valorizadas na sociedade santa-cruzense?



Fonte: Pesquisa elaborada por George Tenório, 2022

Através desse gráfico é perceptível a desvalorização da costureira na sua realidade, mesmo sendo visivelmente reconhecido no cotidiano, no qual 53,9% acreditam que não são valorizadas devido a suas péssimas condições de trabalho em que se encontram, e ainda o descaso da sociedade e gestão pública para com as mesmas, em conjunto 36,5% acreditam que os salários não são justos, mas que por necessidade precisam aceitar por parte de seus patrões.

Figura 24: Mulheres no Moda Center
O que você acha do maior centro de confecção da América Latina (Moda Center) não ter tido uma mulher como diretora geral?



Fonte: Pesquisa elaborada por George Tenório, 2022

Um questionamento que também percorreu a pesquisa historiográfica foi derivado da pouca amostragem política feminina na região de Santa Cruz, levando em consideração tal constatação, a pergunta também se fez para considerar, o porquê das mulheres ainda não ascenderem a diretoria do polo Moda Center, do qual todo cidadão evidencia seu orgulho e capacidade de ressaltar sua grandiosidade, mas que nos permitiu questionar por quais motivações nunca houvera na diretoria geral uma mulher na presidência, efetuada de forma eleitoreira por votos dos condôminos, aqueles donos de boxes e lojas situadas no Moda Center, chegando aos resultados de gráfico acima (figura 24).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o decorrer da jornada, foi possível enfatizar que as costureiras reconhecem alguns sintomas de sua realidade, mas não se fez suficiente para causar uma grande alteração em suas condições de trabalho e trato para com o lar, seja a deficitária educação deixada de lado para dedicar-se a costura, seja o comprido turno da costura, acompanhado do segundo turno de trabalho de dona de casa, mãe e esposa, que não para nunca.

Nesse sentido se resultou um processo interessante, de trazer à academia o cotidiano das mulheres do município, permitindo a análise e questionamento por métodos e ferramentas adquiridas durante o decorrer do curso, no sentido de desconstruir estados definidos com naturais para compor uma nova proposta da posição ocupada por personagens ofuscados na história, lidando também com o prazer em conhecer diversas costureiras em longas conversas para a entender um pouco melhor tais perspectivas, que achavam importante se pensar nesse lugar de quem não descansa devido à superlotação de afazeres, ao passo que vivem essa dualidade, da costura para manter a casa, e como se orgulham disso, mas ao passo que se sentem exauridas dessa rotina maçante, proporcionar essa reflexão através da pesquisa em campo e conversas, sucederam grande importância para observar a mulher em sua condição de aprisionamento em tal situação.

Além disso, tratar da questão da mulher santa-cruzeense, algo de apreço por estar ligado diretamente a toda a minha trajetória, que fundamentou a universidade, e a naturalidade do município me fez observar não somente a costureira em si, mas o reflexo da costura e do sistema produtivo empregado, e o que causava a mulher, e como funciona sua relação para além do trabalho, ao parar essa jornada de um trabalho repetitivo e desgastante, conforto suítes, qual o percurso fazer essa mulher no resto do tempo que ele sobrava, dedicava ao descanso, aos cuidados, aos estudos.

Em nossos dados estudos podem se observar que de fato em sua totalidade a mulher veste um traje de dona de casa, a chefia que zela dos filhos, da organização, da economia familiar e até mesmo do esposo, sendo assim o objetivo de examinar e constatar que a força de potência das mulheres costureiras de Santa Cruz está focada no trabalho consistente, do possível aumento da renda e do sustento, restando pouco tempo para o empenho no processo de mudanças, das condições existentes, por isso, a constituição de polos incentivadores como núcleo das mulheres do Polo, se tornam tão necessários, apesar de ser pouco conhecido. Ainda nas pesquisas de campo se propagado dessas iniciativas nas rotinas para as costureiras também foi fundamental e parte do processo de constituição da mudança de cenário.

Para tal análise podemos utilizar a obra "Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil", em especial o trecho "Família e Maternidade"⁷³ da autora Flávia Biroli, que aborda a relação entre gênero, família e maternidade, e como essa relação influencia as desigualdades de gênero no país, onde nossa discussão até o presente momento busca atingir e contestar para tornar esse contexto das mulheres tomarem responsabilidade sozinhas de toda a manutenção do lar, visível, e que ao masculino seja dedicada também essa obrigação.

Onde a família é considerada a base da sociedade e, portanto, tem um papel importante na construção das relações sociais. No entanto, a família brasileira é marcada por desigualdades e obediências, com papéis definidos por gênero. A maternidade é vista como a principal função da mulher na sociedade, enquanto que o papel do homem é voltado para o mundo do trabalho e da provisão financeira.

Essa divisão de papéis entre homens e mulheres na família e na maternidade resulta em desigualdades de gênero que se refletem em outros aspectos da vida social, como no mercado de trabalho, na política e na cultura. As mulheres são frequentemente responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos, o que limita suas oportunidades de trabalho e de participação política. Além disso, as mulheres são frequentemente penalizadas no mercado de trabalho por terem filhos, o que limita sua ascensão profissional e sua independência financeira.

No entanto, a família e a maternidade também são espaços de resistência e luta pela igualdade de gênero. As mulheres têm lutado para redefinir os papéis de gênero na família e para compartilhar as responsabilidades de cuidado com os homens. Além disso, a luta pelo direito ao aborto e pela liberdade reprodutiva tem sido uma pauta importante na luta pela igualdade de gênero.

Para Flávia, a construção de uma sociedade mais igualitária requer uma mudança nas relações de gênero na família e na maternidade. Isso envolve uma transformação cultural e social que desafia os estereótipos de gênero e valoriza o cuidado como uma responsabilidade compartilhada entre homens e mulheres. Além disso, é necessário garantir

⁷³ **BIROLI**, Flávia. **Gênero e Desigualdades: limites da Democracia no Brasil: Família e Maternidade**. São Paulo: Boitempo, 2018.

políticas públicas que apoiem as mulheres no cuidado com os filhos, como creches e licença parental remunerada.

Sendo assim mostra como a relação entre gênero, família e maternidade é fundamental para entender as desigualdades de gênero na sociedade brasileira. A luta pela igualdade de gênero envolve uma transformação cultural e social que desafia os estereótipos de gênero e valoriza o cuidado como uma responsabilidade compartilhada entre homens e mulheres.

Com isso, dentre diversos apontamentos em relatos orais dos quais obtive diversas ideias, observar essa realidade através da ótica da história, analisando a construção do município e como culminou no cenário atual, faz enxergar que dentre essas mulheres a muita tarefa de conscientização acerca dos direitos e da necessidade de suas participações em processos de dar voz as mulheres, mudanças e as suas condições, para que assim se altere o teor de lástima existente entre elas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a História. In: **História – a arte de inventar o passado**: ensaios de teoria da História. Curitiba: Editora Appris, 2019.

AUGUSTO, José Maia. Canção História de Santa Cruz do Capibaribe, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L-AMqww70S0&list=PL9ccTki6TRK8xfUWwacewIm2WkSVwNbYS&index=1&t=329s>

BERTH, Joice. **Empoderamento**. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro)

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades**: limites da Democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BUARQUE, Heloísa de Hollanda. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro Bazar do Tempo, 2019.

CAMPELLO, G. M. da C. **A atividade de confecções e a produção do espaço em Santa Cruz do Capibaribe**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

CAVALCANTI, José Edergilson. ANÁLISE DOS EXTREMOS CLIMÁTICOS NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE, Revista Brasileira de Climatologia

Câmara Municipal de Santa Cruz do Capibaribe, disponível em: <https://www.santacruzdocapibaribe.pe.leg.br/>.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016. Veja mais sobre "Guerra de Secessão".

ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar. Direção de Marcelo Gomes. Produção de João Vieira Jr e Nara Aragão. Gênero: Documentário. Duração: 1h25 min. Netflix, 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Portal das cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-do-capibaribe/panorama>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa>

JULIÃO, Gilson José. **Cultura política em torno da figura de Padre Zuzinha em Santa Cruz do Capibaribe –Pe (1968-1986)**, manuscrito – 2010.

Jornal Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/o-que-as-costureiras-tem-a-dizer-no-dia-da-costureira/>.

Jornal Exame. Disponível em: <https://exame.com/brasil/as-50-cidades-pequenas-mais-desenvolvidas-do-brasil/>

LIMA, Sérgio Lucas Alexandre de. **O baixo meretrício em Santa Cruz do Capibaribe: olhares e disciplinarização (1991-2003)** – 2018.

MILANÊS, R. Costurando roupas e roçados: As linhas que tecem trabalho e gênero no Agreste Pernambucano. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

MELO, Érica. Feminismo: velhos e novos dilemas uma contribuição de Joan Scott. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 31, p. 553–564, 2016.

Moda Center Santa Cruz, disponível em:

<https://www.blogdomodacenter.com.br/2019/12/dona-petinha-uma-das-precursoras-das.html>

Ministério da Educação, base de dados Qedu. Disponível em:

<https://novo.qedu.org.br/municipio/2612505-santa-cruz-do-capibaribe/taxas-rendimento>

PAULO, João Silva Alencar; **BALBINO**, Márcio Cavalcante **Fluxo migratório para a cidade de Santa Cruz do Capibaribe (PE): uma análise no polo de confecções de Pernambuco (Revista Espaço Acadêmico)** – 2018.

Prefeitura municipal de Santa Cruz do Capibaribe, disponível em:

<https://www.santacruzdocapibaribe.pe.gov.br>

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANTOS, Theresa Cristina Leandro da Silva Queiroz. **Entre a Sulanca e à docência: uma análise da identidade docente do professor em Santa Cruz do Capibaribe – PE.** João Pessoa, 2014.

SILVA, Romenick Stiffen Barbosa. **Fios, nós, redes e malhas: a feira de Santa Cruz do Capibaribe – Pe,** 2012.

SULANCA. Direção de Katia Mesel. Produção: Arrecife – produções cinematográficas. Gênero: Documentário. Duração: 11 min. Santa Cruz do Capibaribe, 1986.

XAVIER, Arnaldo. **“Rota do Mar e Arnaldo Xavier – O que acontece quando o amor por gente, mar e roupa encontra terreno fértil em um coração e uma cidade”** – 2016.